



Marcos Jorge Dias
Maria Letícia Marques
(Organizadores)

Chico Mendes na COP 30
Aliança dos Povos da Floresta



EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL

A Aliança dos Povos da Floresta surgiu na década de 1980, a partir da união de sindicalistas extrativistas, como Chico Mendes, seringueiro e líder sindical que dedicou sua vida à defesa da floresta, e líderes indígenas, como Ailton Krenak, que vinha desempenhando papel importante nas discussões sobre a questão indígena na Assembleia Constituinte. A Aliança dos Povos da Floresta foi anunciada em 1987, durante o lançamento da Campanha em Defesa da Amazônia, organizada pelo Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS), em Brasília. A Aliança visava fortalecer os vínculos entre indígenas e seringueiros, entendendo que havia interesses comuns na defesa da mata e de um modelo de desenvolvimento para a Amazônia que respeitasse os modos de vida de suas populações.

ALIANÇA DOS POVOS DA FLORESTA

Angela Maria Feitosa Mendes
Júlio Barbosa de Aquino
(Apresentação)

Adilson Vieira - Ailton Krenak
Álvaro Tukano - Angela Mendes
Angélica Mendes - Antônio Apurinã
Antonio Macêdo - Bruno Pacífico
Cátia Santos - Chico Apurinã
Chico Ginu - Chico Mendes
Cipassé Xavante
Davi Yanomami
Gomercindo Rodrigues
João Roberto Ripper
Joaquim Corrêa de Souza Belo
Júlio Barbosa de Aquino
Marcos Terena - Pedro Ramos de Sousa
Sabá Manchimeru - Severiá Karajá
Stephan Schwartzman
Terri Aquino
Ubiraci Brasil Yawanawá

Marcos Jorge Dias
Maria Letícia Marques
(Organização)



Xapuri Editora
Outono 2025



Senado Federal
Mesa
Biênio 2025/2026

Senador Davi Alcolumbre
Presidente

Senador Eduardo Gomes
1º Vice-Presidente

Senador Humberto Costa
2º Vice-Presidente

Senadora Daniella Ribeiro
1ª Secretária

Senador Confúcio Moura
2º Secretário

Senadora Ana Paula Lobato
3ª Secretária

Senador Laércio Oliveira
4º Secretário

Suplentes de Secretário

Senador Chico Rodrigues
Senador Styvenson Valentim

Senador Mecias de Jesus
Senadora Soraya Thronicke

Conselho Editorial

Senador Randolfe Rodrigues
Presidente

Esther Bemerguy de Albuquerque
Vice-Presidente

Conselheiros

Alexandre de Souza
Santini Rodrigues
Ana Cláudia Farranha
Ana Flavia Magalhães Pinto
Ana Maria Veiga
Alcinéa Cavalcante
Bruno Lunardi Gonçalves
Carlos Ricardo Caichiole

Esmeraldina dos Santos
Heloisa Maria Murgel Starling
Ilana Trombka
João Batista Gomes Filho
Marco Américo Lucchesi
Nathalia Henrich
Rafael André Vaz Chervenski
Victorino Coutinho Chermont
de Miranda

CHICO MENDES NA COP 30

05

ALIANÇA DOS POVOS DA FLORESTA

Angela Maria Feitosa Mendes
Júlio Barbosa de Aquino
(Apresentação)

Adilson Vieira - Ailton Krenak
Álvaro Tukano - Angela Mendes
Angélica Mendes - Antônio Apurinã
Antonio Macêdo - Bruno Pacifico
Cátia Santos - Chico Apurinã
Chico Ginu - Chico Mendes
Cipassé Xavante
Davi Yanomami
Gomercindo Rodrigues
João Roberto Ripper
Joaquim Corrêa de Souza Belo
Júlio Barbosa de Aquino
Marcos Terena - Pedro Ramos de Sousa
Sabá Manchineru - Severiá Karajá
Stephan Schwartzman
Terri Aquino
Ubiraci Brasil Yawanawá

Marcos Jorge Dias
Maria Letícia Marques
(Organização)

PARCERIA



Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1990, em vigor no Brasil desde 2009. Expressões próprias dos povos da floresta e das lutas de resistência foram mantidas na forma em que aparecem nos depoimentos e documentos de referência.

Preparo Editorial - Revista Xapuri: Capa - Leonardo Matoso - **Projeto Gráfico** - Emir Bocchino, Zezé Weiss. **Pesquisa** - Angela Mendes, Arthur Wentz Silva, Eduardo Pereira, Jailanne Maria da Costa de Almeida, Janaina Faustino, Marcos Jorge Dias, Maria Letícia Marques. **Organização** - Marcos Jorge Dias, Maria Letícia Marques. **Revisão** - Arthur Wentz Silva, Janaina Faustino, Marcos Jorge Dias, Maria Letícia Marques. **Edição** - Zezé Weiss. **Diagramação** - Emir Bocchino. **Produção** - Janaina Faustino.

Depoimentos e Textos: Adilson Vieira, Ailton Krenak, Álvaro Tukano, Angela Mendes, Angélica Mendes, Antônio Apurinã, Antonio Macêdo, Bruno Pacífico, Cátia Santos, Chico Apurinã, Chico Ginu, Chico Mendes, Cipassé Xavante, Davi Yanomami, Gomercindo Rodrigues, João Roberto Ripper, Joaquim Corrêa de Souza Belo, Júlio Barbosa de Aquino, Marcos Terena, Pedro Ramos de Sousa, Sabá Manchineru, Severiá Karajá, Stephan Schwartzman, Terri Aquino, Ubiraci Brasil Yawanawá. **Imagens:** Acervo CNS, Acervo Comitê Chico Mendes, Acervo IEA, Ailton Krenak, CEDI, Erick Terena/Mídia Ninja, João Roberto Ripper, José Lucas/Comitê Chico Mendes, Miranda Smith, Vozes da Floresta. **Coordenação:** Comitê Chico Mendes, Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS). **Parcerias:** Fundação Banco do Brasil, Senado Federal.

Aliança dos povos da floresta / Angela Maria Feitosa Mendes, Júlio Barbosa de Aquino (apresentação) ; Adilson Vieira ... [et al.] ; Marcos Jorge Dias, Maria Letícia Marques (organização). -- [S. l.] : Xapuri Editora ; Brasília : Senado Federal [impressor], 2025.
110 p. : il. -- (Edições do Senado Federal ; v. 355)
(Chico Mendes na COP 30 ; n. 05)

ISBN: 978-65-5676-673-7

1. Conservação da natureza, Brasil. 2. Povos e comunidades tradicionais. 3. Amazônia, conservação. 4. Mendes, Chico, 1944-1988, homenagem póstuma. I. Vieira, Adilson. II. Dias, Marcos Jorge, org. III. Marques, Maria Letícia, org. IV. Série.

CDD 333.72

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO COP30

A realização da 30^a Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP30), pela primeira vez sediada na Amazônia brasileira — em Belém, no estado do Pará —, representa um marco histórico e uma oportunidade singular para o Brasil reafirmar seu compromisso com a preservação ambiental e com a construção de um futuro sustentável e justo. Em um mundo cada vez mais impactado por eventos extremos como secas prolongadas, inundações, incêndios florestais e o avanço do nível dos oceanos, a conferência desponta como espaço crucial para reverter trajetórias de destruição e reafirmar o compromisso global com a sustentabilidade. Esta cúpula multilateral carrega a responsabilidade de transformar promessas em ações concretas. O que está em jogo não é apenas o futuro das próximas gerações, mas o presente de milhões que já enfrentam os efeitos da degradação ambiental.

É nesse contexto que o Conselho Editorial do Senado Federal lança a Coleção COP30, um conjunto de obras que expressa o esforço do Parlamento em contribuir com o debate climático a partir de múltiplas perspectivas: científica, literária, educativa e política.

Destaco, com especial alegria, que Macapá — a capital do meu amado estado — será subsede desta conferência histórica. Para nós, amapaenses, que vivemos no estado mais preservado do Brasil, trata-se de uma ocasião ímpar para apresentar ao mundo nossas riquezas naturais, nossa cultura vibrante e o valor da

nossa gente. Somos guardiões de parques, de unidades de conservação, de rios que alimentam a terra e o espírito. Somos prova viva de que é possível manter a floresta em pé e, ao mesmo tempo, construir um modelo de desenvolvimento baseado nos frutos da floresta e nas potencialidades do território. Aliás, quem nunca viu o Amazonas não conhece o Brasil em sua inteireza. Ser banhado por esse rio é um privilégio imensurável. A COP30 será também o momento de mostrar nossas urgências. Nossa povo precisa de dignidade, de oportunidades, de justiça social. Preservar a floresta é inadiável; garantir justiça para quem nela vive é igualmente essencial.

A coleção apresenta reflexões sobre a Amazônia em toda a sua complexidade humana, cultural e ambiental. Reúne narrativas que resgatam memórias e vivências das populações tradicionais, análises profundas sobre a realidade socioambiental brasileira e textos voltados à educação e à sensibilização das novas gerações. Essas obras revelam os desafios enfrentados pelo país diante das mudanças climáticas, ao mesmo tempo que apontam caminhos possíveis para uma transição justa, com metas efetivas de redução das emissões de gases de efeito estufa, ampliação do uso de energias renováveis, preservação de ecossistemas e fortalecimento de políticas públicas voltadas à adaptação dos territórios e à proteção das populações mais vulneráveis.

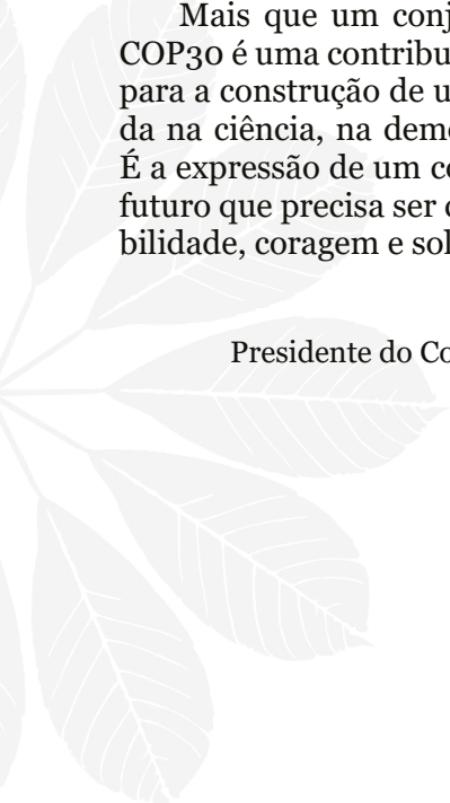
A emergência climática impõe também a mobilização de recursos financeiros para que países em desenvolvimento possam implementar medidas concretas de mitigação e adaptação de forma justa e equitativa.

Como alertou o Papa Francisco, em sua memorável encíclica *Laudato Si'*, “o impacto mais grave das mudanças climáticas recai sobre os mais pobres”. Por isso, qualquer solução ambiental verdadeiramente sustentável deve estar comprometida também com a superação das desigualdades sociais entre pessoas e entre nações.

Nesse sentido, os livros da Coleção COP30 dialogam com as discussões mais atuais sobre financiamento climático e sobre a urgência de mecanismos internacionais mais eficazes e solidários. Ao mesmo tempo, reforçam a centralidade da justiça climática, compreendida como a garantia de que nenhuma comunidade seja deixada para trás, especialmente aquelas que, historicamente, mais contribuíram para a preservação dos ecossistemas: povos indígenas, comunidades ribeirinhas, quilombolas e demais grupos tradicionais.

A COP30 convida o mundo a escutar a floresta e seus guardiões, a considerar o saber ancestral em diálogo com a ciência e a construir pactos justos e eficazes em defesa da vida no planeta. A escolha da Amazônia como sede não é apenas simbólica: representa o reconhecimento da centralidade dos biomas tropicais e da urgência em protegê-los. Afinal, o que acontece na Amazônia repercute em todo o planeta.

Com títulos como *Estudos da Amazônia Contemporânea*, *Cuidando da Nossa Terra, 30 Anos de Floresta*, *Os Balateiros do Maicuru*, *Os Náufragos do Carnapijó*, *O Ouro do Jamanxim e as versões adulta e infantil da Carta da Terra*, a coleção propõe uma visão ampla, plural e engajada do papel do Brasil — e de suas instituições — no enfrentamento da crise climática. In-



clui ainda a *Coletânea Chico Mendes*, com seis volumes dedicados à vida, à luta e ao legado de um dos maiores defensores da floresta e dos povos amazônicos, além da *Coleção Amazonicidades*, que valoriza os saberes locais e a diversidade cultural da região.

Mais que um conjunto de publicações, a Coleção COP30 é uma contribuição concreta do Senado Federal para a construção de uma consciência climática pautada na ciência, na democracia e nos direitos humanos. É a expressão de um compromisso com o futuro — um futuro que precisa ser construído agora, com responsabilidade, coragem e solidariedade.

Senador Randolfe Rodrigues
Presidente do Conselho Editorial do Senado Federal

APRESENTAÇÃO

Em novembro de 2025 o Brasil sediará, na cidade de Santa Maria de Belém do Grão Pará, ou simplesmente Belém do Pará, capital do estado amazônico do Pará, a 30^a Conferência Anual das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP 30).

Ali, às margens do rio Amazonas, os povos das florestas, dos campos e das águas; as comunidades tradicionais dos seis biomas brasileiros – Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal e Pampas; e os povos gerais do mundo buscarão, uma vez mais, encontrar caminhos para, como um dia disse Chico Mendes, “salvar a própria vida no planeta Terra.”

Referendado em legislação federal vigente (Lei 12.892/2013), Chico Mendes é, no Brasil, o Patrono Nacional do Meio Ambiente. Portanto, nada mais justo do que destacar, na COP 30, a memória e o legado do maior ambientalista brasileiro de todos os tempos.

Esta coletânea, “Chico Mendes na COP 30”, contribui com este objetivo. São livros simples, organizados a partir de depoimentos e textos escritos por companheiros e companheiras de Chico Mendes, ao longo do tempo. Que sua leitura possa envolver corações e mentes com a paz planetária um dia sonhada por Chico Mendes.

Angela Maria Feitosa Mendes
Presidenta do Comitê Chico Mendes

Júlio Barbosa de Aquino
Presidente do CNS

CRÉDITOS E REFERÊNCIAS

Em grande parte, os textos que compõem este livro, “Aliança dos Povos da Floresta”, foram extraídos das três edições do livro “Vozes da Floresta” (2008, 2015, 2024), publicado pela editora Xapuri, e das páginas virtuais do Comitê Chico Mendes, do Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS), do Instituto de Estudos Amazônicos (IEA) e do Jornal Varadouro. Há, também, excertos do livro “Caminhando na Floresta com Chico Mendes”, de Gomercindo Rodrigues, publicado pelas editoras UFAC/Xapuri, 2015. Os textos de Chico Mendes vêm de depoimentos gravados por Lucélia Santos, em maio de 1988. Os conteúdos todos foram organizados por Marcos Jorge Dias, professor, jornalista e escritor, autor dos livros “Face Oculta”, “Poemas Insensatos” e “Estórias do Aquíry e outros mundos”, publicados pela Editora Xapuri; e por Maria Letícia Marques, funcionária pública federal, e redatora voluntária da Revista Xapuri. A produção é da gerente executiva da Xapuri, Janaina Faustino, a capa é de Emir Bocchino, tendo por referência o enxoal de artes do Comitê Chico Mendes, a edição (incluindo alguns títulos) é da jornalista Zezé Weiss, organizadora do Livro “Vozes da Floresta”, fundadora e editora da Revista Xapuri. Apresentado por Angela Mendes e Júlio Barbosa de Aquino, o livro “Aliança dos Povos da Floresta”, preparado por sugestão de Pedro Ivo Batista, da Associação Alternativa Terrazul, faz parte da coletânea “Chico Mendes na COP 30”, produzida com o apoio da Fundação Banco do Brasil para impressão pelo Senado Federal.



Foto: Miranda Smith

SONHOS

Ailton Krenak



Arte: Ailton Krenak

Apareceu um guerreiro com uma flecha na mão esquerda, e a ponta da flecha era como o pendão do trigo quando está maduro. O guerreiro flutuava e dançava. Era uma roda de guerreiros dançando a dança ritual dos Krenak. Ele me levou para um mundo do futuro e me colocou sobre um barco de luz. “Não tenha medo, é aqui que você tem sua herança. Você vai saber de

onde veio e para onde está se dirigindo.”

Foi o sonho da tradição que me deu o caminho a seguir. Deu-me vitalidade e o sentido de estar conectado com os meus antepassados. Tomamos decisões importantes quando sonhamos. No sonho, enxergamos qual o melhor caminho a seguir. Se não conseguimos sonhar, nada acontece. Esperamos sonhar.

Acompanhando meu pai, que ia perdendo o orgulho por estar na cidade, pensava no que eu estava fazendo neste mundo. Éramos seres estranhos, sem capacidade alguma, a errar pela metrópole. Sofria pensando que as gerações seguintes perderiam a noção de si e de suas origens. Pensava na necessidade de encontrar algum meio de recuperar a memória de conexão com os antepassados.

Como manter o vínculo da terra ancestral com a cidade? Precisava encontrar um meio de voltar e encontrar a terra ancestral. A forte lembrança sobre a herança cultural era como se fosse uma paixão. Apaixonado é que consigo estar na porta do mundo ancestral.

Quando tive o despertar de ser o herdeiro da minha cultura, veio-me a decisão de trabalhar com reverência e humildade para com a nossa tradição. Todavia, quando trabalhava arduamente, percebi as minhas limitações e o quanto sou pequeno para trabalhar sozinho. Foi então que sonhei.

Passei a receber ensinamentos dos sonhos, como é o costume da nossa tradição. Não é todo mundo que tem acesso à linguagem do sonho. Assim como há pessoas que dominam facilmente a linguagem dos instrumentos musicais, há os que se esforçam e não domi-

nam. Do mesmo modo, há quem tenha vocação para o mundo do sonho. E os que têm vocação, ao acumular treinamentos e experiências, conseguirão entender essa linguagem.

Por exemplo, entre os Xavante, há o “sonhador”, que se especializa em sonhar. Ele vive uma vida de abstinência e treinamento espiritual para desenvolver esta capacidade. Para isso, ele tem um local de estudo, como se fosse uma universidade. Quando a aldeia se defronta com uma necessidade de saber o seu futuro, os Xavante recorrem a este “sonhador”.

Então, esperam dias seguintes até que ele sonhe. Logo que ouvirem o sonho, eles tomam a sua decisão. Ao contar o sonho que tive ao ancião sonhador Sibupá, do povo Xavante, ele me perguntou insistenteamente sobre os detalhes. O rio estava cheio ou vazio? Qual o pássaro que apareceu? É assim que ele ensina sobre o significado do sonho narrado. Se sonhei com coruja, o significado é um. Jacaré já tem outro sentido. Os animais cumprem uma função de mensageiro e podem representar decidir sobre o caminho a seguir. Sibupá também contou um sonho.

No sonho, ele estava viajando pelo mundo. Viu florestas derrubadas, animais morrendo e muitas doenças. O mundo estava deplorável. Continuou viajando e, lá adiante, apareceu um velhinho ancestral muito antigo, que lhe disse: “Estou muito triste que a floresta está se extinguindo, o mundo adoecendo, e vocês permitem. Vocês precisam reerguer a natureza. Comecem a agir pela sobrevivência da floresta. Se a floresta se mantiver saudável, vocês serão felizes. Vocês são muito trabalha-

dores e esforçados. Mas precisam, de agora em diante, mudar o rumo das atividades, recuperar a floresta destruída, criar terras onde as crianças possam crescer em meio a suas culturas tradicionais.”

O sonho de Sibupá inspirou a criação do Centro de Pesquisa Indígena (CPI) e mudou o rumo das minhas atividades. Foi na década de 1970 que o governo brasileiro iniciou grandes projetos de exploração em todo o território. Os indígenas de diversos lugares começaram a reagir. Fui procurar e encontrar lideranças e pajés, conversar com seringueiros e povos da floresta, com quem aprendemos muito. Em 1979, resolvemos fundar a UNI (União das Nações Indígenas). Nossa objetivo inicial era garantir a posse legal da Terra para impedir qualquer invasão dos brancos e criar uma rede com várias nações indígenas.

Queríamos sair da dependência da Funai, promover educação e saúde nas aldeias com as mãos dos próprios índios, formar um centro de estudos e pesquisas sobre as nações indígenas, um congresso de representação indígena, criar nossas leis e obter autonomia. A atividade da UNI foi uma sucessão de dificuldades e barreiras. Era uma sociedade não legalizada, sem telefone, apenas com um pequeno escritório secreto em uma sala emprestada pela Igreja.

Os membros da UNI passaram a enviar mensagens para todo mundo explicando nossos objetivos, o que resultou em apoio de vários lugares. Chegamos a receber doações de presidiários de Dakota do Sul, nos EUA; crianças alemãs promoveram um concerto de rock para arrecadar fundos, que nos enviaram; da Noruega e do

Canadá também vieram doações significativas.

Enfrentamos muito perigo e violência. Sofremos várias ameaças de sequestro. No Paraná, Angelo Kretã, liderança camponesa local, foi brutalmente assassinado pelos madeireiros. No Mato Grosso do Sul, Marçal de Souza, vice-presidente da UNI, foi assassinado. Eram lideranças que semeavam os sonhos da UNI, a favor dos povos locais.

Entretanto, eles não conseguiram nos assassinar a todos. Sobrevivemos, conseguimos fazer com que a UNI crescesse e pudemos criar um laço de solidariedade com as diversas nações isoladas em vários cantos do Brasil. Estamos tentando legalizar a posse das terras. Mas estamos preparados para defendê-las? Conseguiremos repassar para as futuras gerações a herança que estamos recebendo?

Para defender a cultura e continuar transmitindo-a para os jovens, precisamos começar com a semente, plantar e criar raízes fortes. Quando criamos CPI, em 1989, nós já tínhamos articulado a mobilização em torno da mudança de paradigma da Constituição de 1988.

Foi assim que evitamos nos tornar uma nação de mestiços assimilados. Aquele ato foi apenas o começo. Agora, o mais importante é defender a Terra e como deixá-la para os nossos filhos. Quando os indígenas perderem a sua cultura, ficarão iguais aos brancos.

Eu mesmo, se não fossem os meus antepassados, estaria bêbado e querendo ser político como eles. Para os indígenas, que são, em sua maioria, originários de culturas de caça e coleta, a floresta é o seu meio de subsistência, o lugar sagrado de onde aprendem a sabedoria da vida.

O governo retira do índio a sua terra, convida ma-

deireiros, pecuaristas, mineradores, posseiros, enfim, os diversos exploradores, que constroem estradas, hidrelétricas e enormes garimpos. A exploração destrói a base da vida dos índios, que, sem ter para onde ir, são engolidos pela sociedade de brancos, na sua classe mais baixa e empobrecida.

Por exceção, há índios que conseguem estudar e se tornar advogados, e até mesmo deputado federal. Mas, de modo geral, há uma clara barreira de línguas e cultura, além de fortes preconceitos. Uma Krikati que se casou com um homem branco da cidade, ao retornar à aldeia, confessou: “Quando volto para a aldeia, me sinto em paz. Pois ali, na cidade, me sinto constantemente estressada, as pessoas não se ajudam umas às outras. Aqui na aldeia nem preciso fechar a chave de casa, posso conversar amigavelmente com todos.”

Por outro lado, quanto mais os jovens participam da educação globalizante trazida pelo governo, mais se distanciam das tradições e culturas. A cultura indígena, de convivência com a floresta, é contrastante em relação à cultura urbana, que visa a exploração e o desenvolvimento.

O CPI era um estágio avançado da UNI, com o objetivo de criar harmonia entre tecnologia e natureza, introduzindo técnicas que fazem sentido para a vida indígena. Idealizamos viver em um lugar bonito e introduzir apenas técnicas úteis a esta vida.

Mesmo para as pessoas que vivem na cidade, se souberem equilibrar utilidade com natureza, quem sabe a vida possa ser melhor. Assim como as águas dos rios enchem ou esvaziam de acordo com a estação das chuvas, é

preciso aprender a respeitar o ritmo da natureza, aprender que existe tempo de abundância e de escassez.

A palavra cidadania é bem conhecida: está prevista na Declaração Universal dos Direitos do Homem e em várias constituições. Faz parte deste repertório, digamos, branco. Já o enunciado de florestania nasceu em um contexto regional, em um momento muito ativo da luta social dos povos que vivem na floresta.

Quando Chico Mendes, seringueiros e indígenas começaram a se articular, perceberam que o que almejavam não se confundia com cidadania – seria um novo campo de reivindicação de direitos (afinal, estes não são uma coisa preexistente, nascem da disposição de uma comunidade em antecipar o entendimento de que algo deveria ser considerado um direito, mas ainda não é).

No final da década de 1970, antes da ditadura, o desejo do governo brasileiro era fragmentar as grandes extensões de floresta ao sul do Amazonas e no Acre, próximo das fronteiras com Bolívia e Peru.

O jeito clássico de fazer isso era abrir estradas e levar colonos, mas, na tentativa de privatizar aquela área de maneira discreta e eficiente, inspiradas por Jarbas Passarinho e sua turma, o pessoal do Incra saiu oferecendo lotes para quem já estava lá. Acontece que, quando chegaram para fazer as linhas de colonização, os que se colocavam ao lado de Chico Mendes se levantaram, pois estavam no modo florestania e, assim como Gandhi e seus seguidores, organizaram uma resistência pacífica à atuação do Estado.

Mulheres, crianças, homens, pessoas de todas as

idades se postaram entre as árvores e as motosserras, cercando os caminhos de quem chegava para fazer demarcações e impedindo que o dedo urbano – fosse ele de geógrafos, topógrafos ou sismógrafos – apontasse finais dentro da floresta. Não queriam estacas nem lotes, queriam a fluidez dos rios, o contínuo da mata. Os indígenas viviam em reservas coletivas, e os seringueiros, que eram majoritariamente nordestinos que migraram para a Floresta Amazônica no final do século XIX, perceberam essa diferença.

Depois de quatro, cinco, seis gerações dentro da floresta, o que eles queriam era viver como indígenas. Houve ali um contágio positivo do pensamento, da cultura, uma reflexão sobre o comum, em que os seringueiros criaram as Reservas Extrativistas e equipararam o status dessas unidades de conservação de uso direto com os das terras indígenas.

Mas nós sabemos que propriedade coletiva no Brasil não existe: mesmo as terras em que os indígenas vivem, pertencem à União. O cancro do capitalismo só admite propriedade privada e é incompatível com qualquer outra perspectiva de uso coletivo da terra. Em nossa disposição de constituir uma florestania, nós não queríamos nem mesmo ter CPF, mas a instauração de um novo direito pressupõe a movimentação de um enorme aparato de registros, documentos, certificações, cartórios...

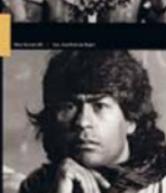
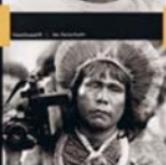
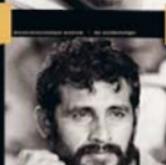
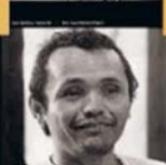
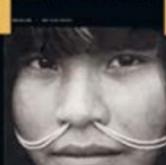
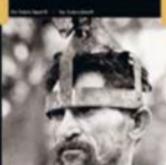
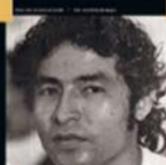
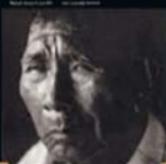
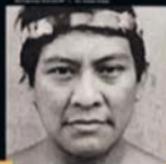
O que moveu o encontro desses povos foi o entendimento de que entre eles havia patrões: latifundiários que reclamavam a posse de vastas regiões de floresta, os seringais, onde tanto indígenas quanto não-indígenas eram submetidos à condição de trabalho escravo.

Uma constelação de povos como os Kaxinawá, os Ashaninka, os Huni Kuim e tantos outros viviam oprimidos por essa situação favorecida pelo capital, na qual um patrão, que nem estava presente (podia estar em São Paulo, em Londres, em qualquer lugar do mundo), explorava a Floresta Amazônica – e suas gentes – por controle remoto.

Ao nos insurgirmos para eliminar a figura do patrão, foi possível nos associarmos. A Aliança dos Povos da Floresta nasceu da busca por igualdade nessa experiência política.

Fonte: “Vozes da Floresta”, 3^a edição, editora Xapuri, 2024.

ALIANÇA DOS POVOS DA FLORESTA



As populações tradicionais que fazem parte do círculo da Aliança dos Povos da Floresta, entendem que é preciso preservar a natureza e suas riquezas, preservando a cultura e os costumes de suas comunidades, e assim ser respeitado por todos os outros povos. A Aliança dos Povos da Floresta mantém todos, sem exceção, a mesma visão no que diz respeito ao respeito ao ambiente e ao respeito ao direito de vida que todos os povos humanos têm, levando em consideração a sua cultura, tradições, costumes, herança e respeito ao direito de respeito ao ambiente e tradições.

CONSELHO NACIONAL DOS SERINGUEIROS
UNIÃO DAS NAÇÕES INDÍGENAS - UNI

quilombo
CEDI

UNIÃO DAS NAÇÕES INDÍGENAS - UNI • CONSELHO NACIONAL DOS SERINGUEIROS

NOSSO POVO É O MESMO POVO

Chico Mendes

Nosso povo é o mesmo povo. Nós não somos mais brancos. Temos uma cultura diferente da dos brancos e pensamos diferente dos “civilizados”.

Aprendemos todas as nossas necessidades básicas e já criamos uma cultura própria, que nos aproxima muito mais da tradição indígena do que da tradição dos “civilizados”. Nós já sabemos disso. Agora o Brasil precisa saber disso.

Nunca mais um companheiro nosso vai derramar o sangue do outro, juntos nós podemos proteger a natureza, que é o lugar onde nossa gente aprendeu a viver, a criar os filhos e a defender suas capacidades, dentro de um pensamento harmonioso com a natureza, com o meio ambiente e com os seres que habitam aqui.

Fonte: Texto encontrado no acervo histórico do Centro dos Trabalhadores da Amazônia/CTA, sem identificação da fonte original.

CHICO MENDES PROJETO UMA UTOPIA

Ailton Krenak



Foto: João Roberto Ripper

Eu hoje fico pensando como a agenda da Aliança naqueles primeiros anos tinha um apelo tão forte, tão mobilizador. Eu acho que esse apelo tinha a ver um pouco com a novidade da experiência vivida com os ventos da nova Constituição [de 1988].

Foi nesse ambiente rico que o Chico projetou muito mais do que ideias, ele projetou uma utopia. Com sua presença calma, com o seu próprio tom de voz, nunca tinha exaltação na fala dele e, mesmo quando ele falava das injustiças, das coisas duras que aconteciam com ele e com a floresta, a maneira dele expressar era sempre tão amorosa e tão boa que, em vez de desespero, o que o Chico passava sempre era esperança.

A presença do Chico como uma pessoa da paz e do diálogo, naquele momento em que o Brasil vivia o seu processo de redemocratização, ficou marcada de forma muito especial naquela plantinha que brotou no meio daquele ambiente de mudança e que nós chamamos de Aliança dos Povos da Floresta.

Apesar de todas as dificuldades, porque nada foi fácil e nem a gente sabia se a semente que nós plantamos ia vingar ou não, quando ainda não se pensava na articulação de vários setores da sociedade, a nossa Aliança juntou indígenas, seringueiros, ribeirinhos e mais um monte de gente em uma só bandeira, em um espaço acolhedor para a prática da parceria e da solidariedade.

Eu me entusiasmei tanto com aquela energia positiva, que eu acho que é essa energia que me motiva até hoje. Fiquei tão feliz com esse “caminho” quando a gente abriu aquela Embaixada dos Povos da Floresta, no ano de 1991, em São Paulo, no governo da Luiza Erundina como prefeita, quando a Marilena Chauí, o Paulo Freire, o Gianfrancesco Guarnieri e um monte de gente interessante se tornou parte do governo municipal, passando para os nossos povos e para a nossa cidadania claros sinais de esperança. Aqueles foram tempos de alegria por ver crescer a luta civil, por ver como ia ficando forte a luta cidadã, com os índios e os seringueiros tendo até mesmo uma embaixada na maior cidade do país.

Uma embaixada que empolgava as lideranças espalhadas pelo Brasil afora apenas pelo fato de existir! Na nossa embaixada, a agenda era feita pelos próprios Povos da Floresta que, naquela época eram chamados de Povos da Floresta mesmo, porque ainda não tinha esse concei-

to, que apareceu no final dos anos 90, de chamar indígena, seringueiro e ribeirinho de Populações Tradicionais.

Antes era uma coisa mais forte, da gente mesmo, gerando uma autoestima danada. Ao mesmo tempo em que juntávamos gente das aldeias e das Reservas Extrativistas em torno da Embaixada dos Povos da Floresta, nós também fizemos em Goiás, na região Centro-Oeste do Brasil, o Centro de Formação e Apoio a Pesquisas Indígenas, com a Universidade Católica de Goiás.

O Centro tinha o saudoso companheiro Wanderley de Castro, que vinha de longas jornadas com o Chico Mendes pela floresta, enquanto realizava, com o diretor inglês Adrian Cowell, a série intitulada “A Década da Destrução”, que balançou a opinião pública mundial com denúncias sobre a devastação da Amazônia, e que mostra o Chico fazendo os empates nas áreas onde hoje estão instituídas as Reservas Extrativistas do Acre.

Esse Centro de Pesquisas em Goiás foi o ponto de partida para os programas de formação de educadores e pesquisadores indígenas e até mesmo para os agentes agroflorestais que existem hoje pelo país afora.

Sem essa trajetória, não teríamos aberto a porta das universidades para os Povos da Floresta. Foi com essa energia empreendedora que consolidamos, na região do Alto Rio Juruá, uma iniciativa como a dos Ashaninka, que levantaram sua organização, a Apiutxa, e o Centro Yorenka Átame, de onde o Benki Ashaninka e seus companheiros mostram ao mundo uma alternativa que extrapola os limites da Terra Indígena Ashaninka e da Reserva Extrativista do Alto Juruá.

Ali, das curvas do Rio Juruá, descortina-se essa experiência envolvente dos Ashaninka, não só com o seu próprio povo, mas também com as vilas e comunidades do seu entorno, abrindo novas perspectivas para o desenvolvimento de uma economia apoiada na riqueza das nossas florestas e nas práticas apoiadas no conhecimento tradicional.

E foi seguindo com os ideais do Chico Mendes, que acreditava na importância de informar o mundo sobre a nossa Aliança, que fizemos aquela turnê com o Milton Nascimento para a Califórnia, Washington e Nova York, no início dos anos 1990. A gente fazia aquela Semana da Amazônia em Nova York, transformando, todos os anos, a cada Semana da Amazônia, aquele momento e aquele nosso espaço da Amanaka'a em caixa de ressonância para mandar o nosso recado para o mundo inteiro.

Eu me sinto orgulhoso de ter participado de tudo isso com uma turma tão comprometida com o entendimento de que a floresta é um lugar sagrado, onde a vida se realiza de maneira plena. Durante toda essa jornada, a presença do Chico foi sempre muito viva e muito importante.

Até hoje a presença dele é tão forte e tão inspiradora que muitas vezes sinto que ele está bem aqui do nosso lado, marchando junto com a gente. Ao fazer essa reflexão, eu penso sempre no Chico Mendes como um ser humano curioso, inquieto e instigador, que estava sempre buscando alternativas para melhorar a qualidade de vida dos Povos da Floresta.

No Encontro dos Povos das Florestas realizado em 2007, em Brasília, foi este o apelo que emergiu: não

somente a Floresta Amazônica, mas todas as florestas são motivo e causa de nossa mobilização e de nossa luta pela proteção do planeta e de sua biodiversidade.

Em todos os biomas, temos riquezas incalculáveis para dar suporte à vida, e fazer o uso responsável desses recursos, protegendo essa riqueza para as futuras gerações, é nossa principal missão. José Lutzenberger, que foi um amigo e incentivador da luta do Chico e da Aliança, dizia que éramos os jardineiros da natureza.

Eu completo dizendo que somos os guerreiros da floresta, porque seguimos firmes na decisão de fazer viver para sempre o legado de Chico Mendes e da Aliança dos Povos da Floresta.

Fonte: “Vozes da Floresta”, 1^a edição, editora Xapuri, 2008.

“HERANÇA DE ÍNDIO”

Chico Mendes

Em 1982, antes do Encontro Nacional dos Seringueiros [ocorrido em 1985], já havia uma possibilidade de aproximação com os índios. Fui candidato a deputado estadual pelo PT e a gente conseguiu lançar um índio [Biraci Brasil] candidato a deputado federal, fazendo uma proposta de aliança dos povos da floresta.

Nessa eleição, nenhum dos dois teve resultado positivo, mas foi importante no sentido do estabelecimento dessa aliança.

No Encontro Nacional dos Seringueiros, que contou com observadores nacionais e estrangeiros, começou a crescer essa consciência de aliança.

Esse encontro determinou que a partir daquele momento seria realizada uma campanha no sentido de se tentar uma aliança com os índios, já que as lutas eram iguais e que muita coisa aprendemos [deles], nossos costumes nas matas, são costumes dos índios. Tínhamos uma herança de índio.

Fonte: Texto encontrado no acervo histórico do Centro dos Trabalhadores da Amazônia/CTA, sem identificação da fonte original.

ENCONTRO NACIONAL DE SERINGUEIROS DA AMAZÔNIA



11 a 17 de outubro de 1985
Auditório da Faculdade de Tecnologia - UnB
Brasília - DF

Entidades: Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Mato Grosso - Promotora, Federação dos Trabalhadores na Agricultura (FETA) - União da Arte - Seringueiros do Amazonas - Associação de Seringueiros e Selvagens da Província de Roraima - Agência Instituto de Estudos Socio-Econômicos (INESE) - Ministério da Cultura - Fundação Nacional para Memória - Universidade de Brasília.

Imagen: Acervo IEA

I ENCONTRO NACIONAL DOS SERINGUEIROS

O I Encontro Nacional dos Seringueiros foi um evento histórico realizado na Universidade de Brasília, com a presença de mais de 100 representantes de seringueiros, castanheiros, pescadores dos estados do Acre, do Amazonas, do Pará, de Rondônia e até do Maranhão. Muitos deles saíram da floresta pela primeira vez e levaram vários dias para chegar em Brasília vindo dos lugares mais distantes da Amazônia.

O evento foi uma iniciativa do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, Acre, uma promoção da Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Estado do Acre (Fetacre-Acre), dos seringueiros do Amazonas, da Associação dos Seringueiros e Soldados da Borracha de Rondônia, com apoio do Instituto de Estudos Socioeconômicos (INESC), do Ministério da Cultura/Fundação Pró-Memória e da Universidade de Brasília (UnB).

A convocação do líder sindical Chico Mendes foi baseada em uma pauta de grande relevância para o momento em que se iniciava o processo de redemocratização no país: reforma agrária apropriada aos seringueiros, educação, saúde e política de valorização da borracha nativa. Foi durante esse evento que o CNS formulou o conceito de Reserva Extrativista como a reforma agrária dos seringueiros, tomando como inspiração as Reservas Indígenas.

Fonte: Texto extraído do site do CNS (www.cnsbrasil.org).

ALIANÇA DOS POVOS DA FLORESTA AMAZÔNICA

Chico Mendes

Xapuri, que tava caminhando, engatinhando naquele tempo, retoma com força o movimento com uma experiência diferente: a liderança, nós não devemos ter uma liderança única, mas todos os trabalhadores devem ser líderes.

Agora, como sempre acontece no movimento dos trabalhadores no Brasil, o pessoal começa a centrar força mais num nome, e esse nome ou por sorte ou azar caiu em cima de mim. É o Chico Mendes que começa a liderar o movimento.

Então, nós começamos a pensar o seguinte, começamos a montar as escolas, começamos a construir novas lideranças, com as escolas, em cada escola começam a surgir lideranças porque o seringueiro começa a ter uma visão e começa a participar mais ativamente do movimento. Isso começou a chegar lá fora, a imprensa começa a dar um maior destaque nessa luta de Xapuri.

E aí nós pensamos numa ideia, ora, o seringueiro não é reconhecido como classe, poxa, então nós vamos ter que encontrar uma forma de pressionar as autoridades federais, lá em Brasília, que tá o foro das decisões, o seringueiro nunca foi a Brasília e nós vamos ter que defender agora uma forma do seringueiro ir a Brasília e contar a sua história lá.

A Mary [Allegretti] começa a articular com algumas entidades, me chama, eu vou a Brasília em maio de 85,

e se começa a articular então o Encontro Nacional dos Seringueiros em Brasília. E aí em outubro de 85 a gente marca na história da luta do seringueiro da Amazônia o I Encontro Nacional dos Seringueiros da Amazônia. E isso foi um encontro que ficou histórico na luta dos seringueiros, em toda a história desde 1870 pra cá, aí começa a aparecer os aliados, começa a engrossar a luta nos empates, começamos a ter vitórias.

Com essa experiência de Xapuri em realizar esse Encontro Nacional em Brasília, aí nesse encontro se começa a descobrir outras lideranças que viviam isoladas, que desperta a sua consciência e começa então a expandir pra toda a Amazônia essa luta.

E surge a proposta de aliança com as principais lideranças indígenas, a partir daí pra se unificar essa luta dos seringueiros. E aí começa então, com a criação do Conselho Nacional dos Seringueiros, se pensa numa possibilidade de manter contato com a direção da União das Nações Indígenas. Se faz um contato através do Ailton Krenak, a partir com Biraci Brasil, a discussão começa a se ampliar e hoje começa-se já a acontecer os encontros dos índios com a participação dos seringueiros e a Aliança começa a se ampliar.

A nível de cúpula ela está ampliada, só falta agora se estabelecer essa Aliança nas bases dos índios com os seringueiros. Denomina-se com isso a Aliança dos Povos da Floresta Amazônica.

Fonte: Depoimento gravado por Lucélia Santos, maio 1988.

DECLARAÇÃO DOS POVOS DA FLORESTA

As populações tradicionais que hoje marcam no céu da Amazônia o arco da Aliança dos Povos da Floresta proclamam sua vontade de permanecer com suas regiões preservadas. Entendem que o desenvolvimento das potencialidades destas populações e das regiões que habitam se constituem na economia futura de suas comunidades e deve ser assegurada por toda a Nação Brasileira como parte da sua afirmação e orgulho. Esta Aliança dos Povos da Floresta, reunindo índios, seringueiros e ribeirinhos, iniciada aqui nesta região do Acre, estende os braços para acolher todo esforço de proteção e preservação deste imenso, porém frágil sistema de vida que envolve nossas florestas, lagos, rios e mananciais, fonte de nossas riquezas e base de nossas culturas e tradições.

Conselho Nacional dos Seringueiros
União das Nações Indígenas
Rio Branco, Acre
Março de 1989

Fonte: “Vozes da Floresta”, 1^a edição, editora Xapuri, 2008.



MARCO HISTÓRICO



Debate "Amazônia na Constituinte" (em Curitiba - 08/1988); lideranças reafirmam a criação da Aliança dos Povos da Floresta, lançada em 1987, em Brasília - Foto: Acervo IEA

A Aliança dos Povos da Floresta surgiu na década de 1980 a partir da união de sindicalistas extrativistas, como Chico Mendes, seringueiro e líder sindical que dedicou sua vida à defesa da floresta, e líderes indígenas, como Ailton Krenak, que vinha desempenhando papel importante nas discussões sobre a questão indígena na Assembleia Constituinte.

A Aliança dos Povos da Floresta foi anunciada em 1987, durante o lançamento da Campanha em Defesa da Amazônia, organizada pelo Conselho Nacional dos

Seringueiros (CNS), em Brasília. A Aliança visava fortalecer os vínculos entre indígenas e seringueiros, entendendo que havia interesses comuns na defesa da mata e de um modelo de desenvolvimento para a Amazônia que respeitasse os modos de vida de suas populações.

Em agosto de 1988, em seminário sobre a Amazônia na Constituinte, organizado pelo Instituto de Estudos Amazônicos (IEA), no Circo da Cidadania, em Curitiba, Chico Mendes (CNS), Jaime Araújo (CNS) e Ailton Krenak (UNI) reafirmaram a Aliança e convidaram as organizações indígenas do Sul do país a participarem da Aliança dos Povos da Floresta.

Em dezembro de 1988, Chico Mendes foi assassinado em Xapuri. Apesar disso, a Aliança dos Povos da Floresta conseguiu importantes vitórias, sendo uma das mais significativas a criação das Reservas Extrativistas (Resex), uma categoria de unidade de conservação que garante o uso sustentável dos recursos naturais pelas populações tradicionais.

Em março de 1989, foi realizado em Rio Branco, no Acre, o I Encontro dos Povos da Floresta e o II Encontro Nacional dos Seringueiros. Ali, com a presença de Ailton Krenak, Júlio Barbosa de Aquino, indígenas e extrativistas, consolidou-se o sonho de Chico Mendes: estava formada, oficialmente, a Aliança dos Povos da Floresta.

Em março de 1990, em resposta a uma das demandas da Aliança, a primeira Reserva Extrativista, a Resex Chico Mendes, foi criada em Xapuri, no Acre. Além disso, a Aliança teve um papel crucial na internacionalização da luta pela preservação da Amazônia, ganhando reconhecimento global por seu papel pressionando o

governo brasileiro e empresas a adotarem práticas mais sustentáveis.

A criação da Aliança representou um marco histórico ao unir seringueiros e indígenas, reconhecendo que ambos enfrentavam desafios semelhantes na luta contra o desmatamento e pela garantia de seus direitos territoriais.

Essa união foi estratégica para fortalecer a resistência contra as ameaças impostas por grandes projetos de desenvolvimento que desconsideravam as necessidades e os direitos das populações que viviam nos territórios dos biomas ameaçados.

Fonte: Texto encontrado no acervo histórico do Centro dos Trabalhadores da Amazônia/CTA, sem identificação da fonte original.



I ENCONTRO DOS POVOS DA FLORESTA

João Roberto Ripper



Foto: João Roberto Ripper

Em março de 1989 fui para o Acre fotografar o Movimento de indígenas e seringueiros que se reuniram em Rio Branco, para o I Encontro Nacional dos Povos da Floresta.

Naquele Encontro, além da dor, o que existia era um sentimento imenso e uma vontade profunda de organizar a continuidade da luta e de fazer acontecer as Reservas Extrativistas, aquele projeto coletivo de defesa das terras, das árvores e dos Povos da Floresta, pelas quais Chico Mendes morreu lutando.

Durante o I Encontro dos Povos da Floresta, que foi também o II Encontro Nacional dos Seringueiros, o Osmarino Amâncio, uma das grandes lideranças do Movimento, usou uma frase que eu nunca mais esqueci, ele disse que o choro de quem sempre resistiu era compreensível e necessário, mas que não podia durar mais do que o tempo do estampido daquele tiro de escopeta que matou o Chico Mendes, que era preciso transformar o luto em mais luta e seguir adiante.

Com isso, ele movia os companheiros pra se recuperar do sofrimento com disciplina e organização, um dos mantras do Chico Mendes. Ele também falava muito da importância da participação das companheiras, das grandes mulheres da floresta, e isso dava força ao grupo daquelas pessoas enlutadas. Fiquei pensando em como contribuir para que aquela luta nunca parasse, para que a morte de Chico Mendes nunca fosse em vão. A partir daí, minhas fotos passaram a ser usadas nas lutas dos seringueiros e dos Povos da Floresta.

Não me lembro de quantas vezes fui ao Acre documentar o julgamento dos assassinos do Chico Mendes

e de outras lideranças, ou as Reservas Extrativistas e outras conquistas dos movimentos sociais.

Andando pelo Acre, ficava impressionado ao ver como todos os habitantes da floresta tinham a mesma fala, como todos lutavam pelas mesmas bandeiras de proteção da Amazônia, para que as colocações dos seringueiros ficassem na mão dos seringueiros. Era como se cada pessoa fosse uma liderança e como se cada liderança fosse um Chico Mendes.

Fonte: “Vozes da Floresta”, 1^a edição, editora Xapuri, 2008.





Foto: João Roberto Ripper

NACIONAL
SUEIROS
OS POVOS
ESTA CNS/UNI



CARTA DO I ENCONTRO DOS POVOS DA FLORESTA



Foto: Acervo IEA

Há muito tempo só havia o escuro. Os caminhos sempre foram perigosos. Às vezes os igarapés alagavam. Às vezes faltava o peixe. Às vezes comíamos bem. Às vezes só tinha farinha. Notícias, só de vez em quando, nos rádios dos barracões ou dos regatões. A dívida consumia todo o trabalho. Escola era palavra proibida. Saúde só pros patrões. O futuro era alguma coisa que parecia que não chegaria. Aí, em cima da dor, da terra espinhosa, começamos a cultivar a flor. A luz passou a ser construída. A nossa união passou a ser a poronga acesa que alumia o caminho. E nossa luta, mesmo com sangue derramado do nosso lado, cresceu, e começamos a construir nosso futuro sem patrão, sem exploração e sem violência. Hoje nossos filhos começam a sentir que vale a pena a vida com nossa proposta da Reserva Extrativista. E o índio é nosso companheiro nesta caminhada, da qual estamos dando hoje mais um passo com o I Encontro dos Povos da Floresta.

Texto lido por Júlio Barbosa de Aquino
na abertura do I Encontro dos Povos da Floresta,
ocorrido de 25 a 31 de março de 1989,
em Rio Branco - Acre - Brasil

Fonte: “Vozes da Floresta, 1^a edição, editora Xapuri, 2008.

100 ANOS DE ESCRAVIDÃO



Foto: Reprodução

No Acre, conforme matéria da Agência de Notícias do Acre (abril/2015), os indígenas viveram cerca de 100 anos de escravidão – período de 1880 a 1980.

Todos os povos passaram por esse processo de escravidão. O Huni Kuin, por ser o povo mais antigo, foi um dos primeiros a enfrentar os seringueiros que, a mando do patrão seringalista, se apropriavam das terras, expulsavam os indígenas e escravizavam aqueles que ficavam, obrigando-os a consumir apenas o que era vendido no barracão do seringal.

Além disso, eles ficavam proibidos de plantar e cultivar qualquer tipo de alimento ou criar animais, trabalhando apenas com o corte da seringa, que era entregue aos patrões, e para isso pagavam aluguel da estrada de seringa.

Segundo Zezinho Kaxinawá, além da escravidão por dívidas, eles eram proibidos de falar a nossa língua, expressar nossa religião e qualquer tipo de manifestação cultural. Zezinho conta ainda que os Puyanawa sofreram também impactos de miscigenação, pois eram obrigados a casar com brancos, e não poderiam de forma alguma casar entre indígenas da mesma etnia.

Fonte: Agência de Notícias do Acre, abril/2015.

UMA SOMA DE ESFORÇOS E INTERESSES

Chico Apurinã



Foto: João Roberto Ripper

Venho da Aldeia São Francisco, da Terra Indígena Água Preta-Iñari, município de Itauni, no Amazonas. Comecei no Movimento Indígena em 1985, quando fui para Rio Branco estudar. Em 1989, comecei a trabalhar no Movimento. Trabalhei junto com Antônio Apurinã na UNI-Acre, até 1994.

Um pouco antes, eu já estava na articulação da Aliança dos Povos da Floresta com o Chico Mendes e

com todos os companheiros. A Aliança veio como uma resposta à invasão do Acre por outros povos que vinham de culturas que não eram as nossas e que chegavam para desmatar a floresta e colocar o gado. Era uma violência muito forte.

Nós e os seringueiros estávamos vendo nossas terras tradicionais sendo ocupadas sem que nenhuma providência fosse tomada. A Aliança surgiu para somar nossos esforços em torno dos nossos interesses, que eram os mesmos. O Ailton Krenak e o Chico Mendes coordenaram a formação da Aliança.

Mesmo depois da morte do Chico, em março de 1989 realizamos o encontro que eles estavam preparando, o I Encontro dos Povos da Floresta, porque a Aliança dos Povos da Floresta era o espaço mais importante que tínhamos nas mãos.

Esse foi o jeito que nós encontramos para comunicar as nossas mensagens para o mundo exterior, porque até então a lei brasileira não permitia a livre manifestação dos Povos Indígenas. Foi somente com a Constituição de 1988, com toda a luta do Movimento Indígena e da sociedade civil que a gente passou a ter o direito de se organizar.

Fonte: “Vozes da Floresta”, 1^a edição, editora Xapuri, 2008.

“UM PEDIDO DO CHICO”

Terri Aquino

A Aliança entre seringueiros, indígenas e ambientalistas só se materializou depois da morte de Chico, mas antes disso ela tomou diversas iniciativas importantes. Uma delas foi chamar o Antonio Macêdo, com muita experiência na Funai, para uma reunião, em abril de 1988, comigo e com o Mauro Almeida.

Nela, o Chico pediu ao Macêdo para cuidar da criação da Reserva Extrativista no Alto Juruá. O Macêdo usou a experiência indígena que tinha para ouvir as comunidades, formular cooperativas e fazer um projeto para o BNDES incluindo as comunidades vizinhas de 17 ou 20 grupos indígenas. Foram mais de 500 mil hectares de floresta envolvidos nessa área, que já nasceu integrando indígenas e seringueiros.

Quando olhamos para o Acre, vemos que agora existe uma soma de todas essas lutas, com as Reservas Extrativistas, as Terras Indígenas e as reservas ambientais formando um mosaico e um corredor ecológico em oito milhões de hectares, ocupando quase metade do Estado.

É incrível esse resultado: um corredor contínuo, uma beleza de natureza conservada. Esse foi um efeito das lutas do Chico Mendes e dos nossos Povos da Floresta.

Fonte: “Vozes da Floresta”, 1^a edição, editora Xapuri, 2008.

UMA GRANDE ALIANÇA POLÍTICA

Marcos Terena

Sou Marcos Terena, indígena de Mato Grosso do Sul, da região do Pantanal. Fui um dos fundadores do primeiro Movimento Indígena brasileiro, a União das Nações Indígenas (UNI), junto com o Ailton Krenak, em 1977.

Começamos como uma frente de estudantes indígenas para superar a tutela e o preconceito contra os Povos Indígenas. Queríamos fazer o Brasil reconhecer e respeitar a existência dos mais de 180 mil indígenas que viviam no nosso país. Graças a esse trabalho, temos um diagnóstico que, hoje, o Brasil conta com uma população de mais de 1.693.535 indígenas, 0,8% da população brasileira, segundo dados do Governo Federal em 2023.

Para conscientizar a sociedade brasileira, fizemos alianças estratégicas com alguns jornalistas, com lideranças de outros movimentos e com outras pessoas. Naquele tempo, ainda não tinha no País esse pensamento disseminado de lutar pela ecologia, mas nós já encarávamos a luta pela Terra Indígena como forma de preservar a cultura, de manter a paz e de fazer a conservação das florestas, dos rios e da natureza, portanto uma luta ecológica, uma luta ambiental.

Ao mesmo tempo, houve um movimento de pessoas da floresta, especialmente da Floresta Amazônica, como os seringueiros do Acre, que, como nós indígenas, sofreram o mesmo tipo de impacto das invasões colonizadoras.

ras sobre suas terras, apenas com um quadro mais grave porque era um trabalho escravo, de pessoas que não tinham seus direitos humanos reconhecidos, e entregavam o fruto de seu trabalho para os patrões da borracha.

Essa foi uma situação que ficou conhecida pela opinião pública através da luta do Chico Mendes, a partir dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais de Brasiléia e Xapuri, no extremo oeste do Estado do Acre.

Embora no passado os seringueiros, assim como os camponeses e os ribeirinhos, tenham se colocado como inimigos dos Povos Indígenas, sentíamos a necessidade de estabelecer uma plataforma comum de luta, todos trabalhando por prioridades comuns, a começar pela demarcação das Terras Indígenas e das Reservas Extrativistas, propostas pelos seringueiros com uma espécie de Reforma Agrária para a Amazônia, no I Encontro Nacional dos Seringueiros, realizado por eles em Brasília, no ano de 1985.

A partir dali, as lideranças dos indígenas, como o Ailton Krenak, e dos seringueiros, como o Chico Mendes, concluíram que era importante fazer a Aliança dos Povos da Floresta. Nossa principal interlocutor foi o Ailton, um líder indígena Krenak, que passou a conduzir essa articulação junto com o Chico Mendes. Às vezes me perguntam sobre o contrato que selou a Aliança entre indígenas e seringueiros.

Respondo sempre que nunca houve um contrato legal porque as alianças mais fortes dos Povos Indígenas nunca foram registradas no papel, sempre foram acordos políticos, feitos em cima de objetivos específicos, de bandeiras de lutas comuns e da honra e da

palavra empenhada por nossas lideranças e honrada por todos e todas nós.

No caso da Aliança dos Povos da Floresta, nosso acordo incluía o respeito à diversidade das lutas e à identidade dos povos, sempre buscando os Direitos Humanos de todos os Povos da Floresta. Naquele tempo não havia direito ambiental. Havia apenas a floresta, considerada pelo governo como uma terra sem dono, “uma terra sem gente”, para “Integrar para não Entregar”, conforme os slogans da ditadura.

O governo militar decidiu colonizar, levando milhares de famílias do sul do Brasil para criar novas ocupações e novas cidades na região amazônica. Isso não foi bom para a Amazônia, e muito menos para os imigrantes, que vinham de outra realidade e não tinham o costume de morar no meio da floresta.

Muitos deles morreram por causa das doenças tropicais, como a malária, e grande parte da floresta foi derrubada em consequência desse modelo inadequado de desenvolvimento, que gerou os grandes blocos latifundiários, com incentivos do governo federal.

Isso não aconteceu nas Terras Indígenas porque elas eram um ponto ainda obscuro, ninguém sabia exatamente o que era uma terra indígena, o que foi um ponto positivo da nossa luta: mostramos que a terra indígena não pode ser apenas um lote, uma fazenda, um pedaço de terra, ou uma colônia agrícola.

Defendemos - e ganhamos - o conceito de que a Terra Indígena é para o uso tradicional da área, inclusive com espaço suficiente para a perambulação, para a alternância dos locais de aldeias, como é a tradição indígena. Estamos vivendo o marco dos 35 anos do as-

sassinato do Chico Mendes, que se dedicou à luta dos indígenas e seringueiros, que ao longo desse processo lutaram e conquistaram muitas vitórias juntos.

Para se ter uma ideia, até o início dos anos 80, o governo não reconhecia a existência de Povos Indígenas no Acre. Graças ao trabalho de líderes indígenas como Siã Kaxinawá e de sertanistas como Antonio Macêdo pessoas que foram muito perseguidas e quase foram assassinadas na época, nós que moramos mais ao sul do Brasil fomos sabendo da existência de Povos Indígenas muito consolidados no Acre, muitos deles ainda transfronteiriços, como os Kampa, que os brancos chamam de Ashaninka; e também o próprio povo Manchineri, que tem ramificação peruana.

A Aliança dos Povos da Floresta trouxe também a realidade de representação política. Aí está a Marina Silva como uma figura que representa a consciência que nós chamamos de ecológica, e que nasceu lá com o Chico Mendes, com o Ailton Krenak e com outras pessoas.

Essa consciência não pode perder sua raiz, porque a questão ecológica, a própria Aliança, que existe informalmente, agora, mais do que nunca. A questão das mudanças climáticas exige que essa Aliança seja retomada perante o mundo, para encontrarmos um equilíbrio entre o meio ambiente, a economia, o desenvolvimento e a qualidade de vida.

Por último, quero dizer o quanto é importante que essas nossas histórias fiquem registradas, porque nós somos bons para fazer a luta e péssimos para fazer registros.

Fonte: “Vozes da Floresta”, 1^a edição, editora Xapuri, 2008.

ALIANÇA DOS POVOS DA NATUREZA

Cipassé Xavante

Foi no final da década de 1970, início da década de 1980, que conheci o Ailton Krenak e várias outras lideranças. Nessa época, o Ailton já estava fazendo esse papel de articulador e de grande pensador que ele cumpre até hoje.

Houve um Encontro de Lideranças Indígenas em Goiânia, e, para esse Encontro, vieram o Ailton Krenak, o Cacique Raoni Metuktire e o Marcos Terena. Eles eram a vanguarda do Movimento.

Com meus 19 anos, me casei com uma indígena Karajá que encontrei em Goiânia, a Severiá Idioriê, e logo entrei no Movimento, fazendo projeto para o meu povo Xavante com a ajuda dela. Achei que já estava na hora de deixar a escola para me dedicar apenas aos projetos da minha aldeia.

Então, eu e o Wanderlei de Castro — que era um técnico amigo do Chico Mendes, do Ailton Krenak e muito companheiro dos indígenas — fizemos o Projeto Jaburu, para reflorestar a nossa área Xavante e, ao mesmo tempo, trabalhar com a criação e o manejo de animais silvestres, para que não faltasse caça para o meu povo.

Esse projeto não nasceu da minha cabeça. Nasceu do sonho de um dos nossos pajés, o pajé Sibupá Xavante. Foi o pajé Sibupá que me mandou buscar ajuda para fazer a proposta, e aí falamos do sonho para o Wanderlei de Castro. Ele, então, explicou que, para ver o sonho acontecer, era preciso escrever um projeto.

Fizemos o projeto com o Wanderlei e, com a ajuda do Ailton Krenak, fomos buscar recursos para fazer nossa criação de animais silvestres e para reflorestar a nossa área, plantando muitos pés de frutas do Cerrado.

Da minha aldeia, continuei acompanhando e participando da articulação dos seringueiros com os indígenas, para fazer a união dos povos da natureza. O nosso primeiro Encontro dos Povos da Floresta — que foi também o II Encontro Nacional dos Seringueiros — aconteceu lá no Acre, em 1989, depois que o Chico foi morto.

Mas, muito antes, a gente já estava discutindo e organizando essa Aliança dos Povos da Floresta, até mesmo aqui no Mato Grosso e em Goiás, porque nós, indígenas e seringueiros, estávamos lutando pelas mesmas coisas: pela demarcação das Terras Indígenas e pela demarcação das Reservas dos Seringueiros.

Então, na base, a partir das nossas aldeias, a gente começou a trabalhar para fazer essa Aliança. Como, naquela época quem articulava por nós era a UNI, ela ficou responsável, através do Ailton Krenak, por selar essa união com o Chico Mendes, em nome de todos nós, porque eles eram os dois grandes líderes da nossa luta naquele momento.

Fonte: “Vozes da Floresta”, 1^a edição, editora Xapuri, 2008.

FIZEMOS A ALIANÇA PARA FALARMOS UMA PALAVRA SÓ

Davi Kopenawa Yanomami



Arte: Lucas Braga

Fizemos a Aliança dos Povos da Floresta para falarmos uma palavra só. Para termos uma só voz. Nunca fui aos seringais, mas aprendi a respeitar o nome e a força dos seringueiros. E, no meio dos seringueiros, tinha um guerreiro, um lutador na preservação da natureza e na proteção da Amazônia. Fui companheiro do Chico e comunguei e comungo de seus ideais.

Os Yanomami e os seringueiros têm os mesmos ideais: defender a floresta, o nosso povo, a nossa cultura, os nossos direitos. Defender a nossa saúde, os nossos alimentos. Conheci Chico Mendes um pouco, encontrei com ele uma vez, logo depois ele foi morto.

Mas, no lugar dele, ficou muito companheiro bom de luta, gente que continua sua luta e defende os seus sonhos. Também aqui, no meu povo, muitos foram mortos pelos garimpeiros. Nós ficamos tristes pela morte de Chico Mendes e pelos mortos do meu povo, porque querem acabar conosco também.

Os brancos são como a cutia do mato, que rouba o nosso roçado. A gente planta e a cutia rouba. Os brancos são como cutias. Chico Mendes e eu fomos ganhadores de prêmios em reconhecimento por nossa luta. Conhecemos muita gente aqui e fora do Brasil. O mundo do branco, para nós, indígenas, é muito cruel. Nos causa muito choque, por exemplo, esse caso de querer rediscutir a lei da mineração. Essa história está nos deixando revoltados, bravos mesmo.

Querem acabar com a floresta, com o meu povo e com eles mesmos, porque não só os Yanomami vão morrer. Quando eles acabarem com a floresta, desmatarem tudo, matarem as árvores e os pássaros, depois o rio, a terra e o que tem de bom na natureza, a morte também vai chegar para o branco.

O que não é bom para o povo indígena não é bom para o povo branco. Eu aprendi a lutar, a defender minha terra e meu povo. Outros parentes lutam em suas aldeias contra os homens brancos, sempre os mesmos inimigos. Continuamos lutando.

Fonte: “Vozes da Floresta”, 1^a edição, editora Xapuri, 2008.

UM CAMINHO PARA JUNTAR AS NOSSAS LUTAS

Antonio Macêdo

Meu nome é Antonio Luiz Batista de Macêdo e sou um lutador. Nasci na coloção Bagaceira, no Seringal Transvalle, no Rio Muru, no Município de Tarauacá. Cresci nas aldeias indígenas de Tarauacá. Em meados da década de 70, comecei a trabalhar com a questão indígena do Acre, primeiro como indigenista, depois como sertanista, e assim estou até hoje.

Ouvia falar muito do Chico Mendes, mas pessoalmente só conheci o Chico em 1978. Eu trabalhava no Vale do Juruá e ele no Vale do Acre. Nesse mesmo ano de 78, criamos a Comissão Pró-Índio [CPI] do Acre, o Terri Aquino, a Concita Maia, a Dedé Maia e eu. Daí até 1983 nosso trabalho foi o de organizar o Movimento Indígena.

Em 1983, nós tentamos fazer a primeira assembleia indígena do Acre, mas só conseguimos reunir doze lideranças. Era uma trabalheira danada, porque as lideranças desconfiavam umas das outras, ainda por conta dos desentendimentos do passado, das guerras de pajelança, das corridas para fugir dos brancos. Existia uma resistência tanto dos índios contra os seringueiros quanto dos seringueiros com relação aos povos indígenas.

Na segunda assembleia, em 1984, conseguimos reunir oitenta lideranças, e decidimos convidar o Chico Mendes e o Ailton Krenak para tentarmos encontrar um caminho de juntar as nossas lutas. Nós colocamos o seguinte:

Chico, os índios e os seringueiros são diferentes, sim, porque os índios são de uma sociedade tradicional e os seringueiros de uma sociedade secular, mas a diferença acaba aí, porque os índios e os seringueiros bebem das águas dos mesmos igarapés, comem os mesmo frutos silvestres e são explorados pelos mesmos patrões, são coagidos pelo mesmo sistema feudal que ainda funciona nos seringais. Sabe, Chico, todo mundo luta por terra, todo mundo está brigando para preservar os seus espaços na floresta, todo mundo está lutando para proteger a mata que garante a nossa caça e o nosso peixe, todo mundo é seringueiro, é castanheiro. Do lado de cá estamos nós, desunidos, e do outro lado estão os exploradores que nós todos sabemos quem são.

O Chico concordou muito com essa conversa e veio para o nosso Encontro. O Ailton e o Osmarino [Amâncio] também vieram, e, dali de onde hoje está sediada a Secretaria de Educação, nós saímos em passeata e fomos dar no Palácio Rio Branco, para colocar as nossas propostas para quem quisesse ouvir.

Essa união se concretizou com maior intensidade na região de Xapuri e no Alto Juruá, onde criamos a regional do Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS) e a Aliança dos Povos da Floresta, que ainda hoje vive e tem sua força.

Fonte: “Vozes da Floresta”, 1^a edição, editora Xapuri, 2008.

UMA LUTA CONJUNTA EM DEFESA DOS POVOS DA FLORESTA

Sabá Manchineru

Sou Twotwawhene Sar Haji Manchineru, o Sabá. Nasci, me criei e vivo na Terra Indígena Mamoadate, aqui no Acre. Sou um Manxineru: defensor dos Povos Indígenas, da natureza, da justiça e da dignidade. Iniciei no Movimento Indígena bem antes dos anos 1980. Na aldeia, comecei a defender a mim mesmo, aos meus pais, à minha família e ao meu povo desde os meus 12 anos.

Conheci Chico Mendes em Rio Branco, numa reunião dos sindicatos dos trabalhadores rurais. Fizemos uma palestra juntos na Eletroacre sobre a defesa da Amazônia e os conflitos que os seringueiros e os Povos Indígenas viviam. A partir dali fomos conversando com outros companheiros até chegar à conclusão de que era preciso fortalecer nossa união com um grande encontro.

Realizamos reuniões com vários líderes indígenas, seringueiros, ribeirinhos, entre eles Ailton Krenak, Antonio Apurinã, Siã Kaxinawá, Osmarino Amâncio, Júlio Barbosa e Raimundo Barros. Um grande companheiro era o Raimundo Barros. Íamos sempre juntos conscientizar os seringueiros e os ribeirinhos sobre as ameaças do desmatamento.

Nessa época, fui para o empate do Cachoeira como representante da UNI. Transportávamos o pessoal num caminhão do Sindicato de Xapuri, nosso único transporte. Fomos orientados para não nos arriscarmos

muito pelos ramais, pois já tinham sido assassinados vários líderes. Por isso resolvemos fazer um ato público em Xapuri.

Com o Chico Mendes, a gente discutia a estratégia de ampliar as alianças e fazer com que nossa luta tivesse repercussão. Isso incluía as viagens de Chico e a criação da Aliança dos Povos da Floresta. Chico Mendes sempre falava que o Movimento dos Seringueiros foi criado em função do modelo de organização indígena.

O fator mais importante daquela época é que éramos um grupo de aliados. Não disputávamos espaço, nem poder, nem dinheiro. Lutávamos juntos em defesa dos Povos da Floresta, da natureza e contra a exploração e a violência. Quando o Chico morreu, eu estava em Rio Branco e recebi a notícia pela Rádio Difusora Acreana.

Foi um choque e uma perda muito grande, porque estávamos começando a concretizar muitas ações. Em março de 1989, realizamos o I Encontro dos Povos da Floresta entre indígenas, seringueiros, trabalhadores rurais e outros aliados, para deixar bem claro que nossa luta conjunta seguiria em frente, mesmo depois da morte de Chico Mendes.

Fonte: “Vozes da Floresta”, 1^a edição, editora Xapuri, 2008.



UMA MESMA LUTA POR UMA ÚNICA CAUSA

Chico Ginu

Em 1989, tive a honra de participar do encontro de fundação da Aliança dos Povos da Floresta, em Rio Branco. Isso, infelizmente, aconteceu depois da morte do Chico Mendes.

Tivemos as primeiras notícias do Movimento Sindical em 1976, através da comunicação por rádio receptor de uma rádio chamada Terra dos Nawa, dos padres de Cruzeiro do Sul. Em 1979, fui um dos primeiros a fazer a filiação.

Esse foi o momento dos maiores conflitos entre seringalistas e seringueiros. Sinto muito orgulho em dizer que fui um dos que encabeçaram a luta.

Em 1989, aconteceu, simultaneamente em RiBranco, o I Encontro da Aliança dos Povos da Floresta e o II Encontro do Conselho Nacional dos Seringueiros. Tivemos muita determinação para juntar os indígenas e os seringueiros por uma única causa.

Fonte: “Vozes da Floresta”, 1^a edição, editora Xapuri, 2008.

UMA GRANDE TRANSFORMAÇÃO

Chico Mendes

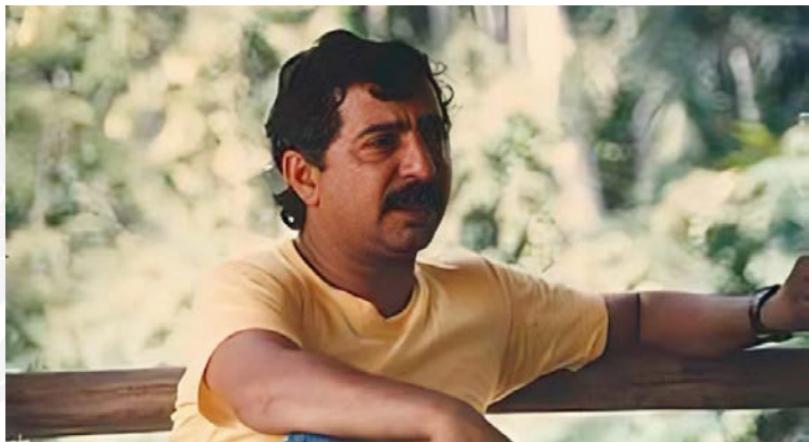


Foto: João Roberto Ripper

A gente sente uma grande transformação. A grande maioria já está consciente de que a luta deverá ser outra. Estão decididos a defender seus direitos, compreenderam que, unidos, têm força para segurar a terra, em que podem lutar contra o latifúndio. Antes, não sabiam o que fazer diante do problema. Mas, com o correr dos tempos, os mais experientes foram conscientizando os outros, dizendo que a terra é nossa, que foram nossos antepassados que lutaram para conquistar esta terra, e que hoje é possível fazer uma nova reconquista, se preciso.

Fonte: Acervo Comitê Chico Mendes

SEVERIÁ KARAJÁ: PIONEIRA DA ALIANÇA



Foto: Vozes da Floresta

Sou Severiá Maria Idioriê, indígena Iny-Karajá-Javaé. Nasci numa aldeia às margens do rio Araguaia. Hoje não é mais aldeia, porque a última família Karajá que existia era a nossa e, depois que os meus pais faleceram, não ficou ninguém para cuidar da aldeia.

Entre 1969 e 1970, fui levada de minha aldeia pra morar com uma freira franciscana em São José dos Bandeirantes, Goiás, que me trouxe também para ser freira. Minha mãe ficou muito triste. Um ano depois ela morreu de sarampo. Logo depois, o meu pai morreu também. Então eu, órfã, acabei sendo criada por essa mãe freira.

Cursei Letras na Universidade Católica de Goiás (UCG). Antes disso, já estava com intenção de voltar para uma aldeia indígena e de retomar a minha vida como indígena. Nessa época, eu tinha 25 anos, conheci o Cipassé Xavante, que também era estudante em Goiânia, e começamos a namorar.

Logo em seguida fui com o Cipassé até a aldeia Xavante dele, na Terra Indígena Pimentel Barbosa, no município de Canarana, estado de Mato Grosso, pedir permissão para casar.

Em julho de 1987 fizemos nosso casamento não indígena em Goiânia. Eu tinha 25 anos. Depois, fomos para a aldeia Canarana, na Terra Indígena Pimentel Barbosa, no Mato Grosso, onde realizamos nosso casamento indígena pelo rito Xavante. Só não me casei na minha aldeia porque naquela época minha aldeia não existia mais.

No Movimento, comecei a participar mais na época da articulação da Aliança dos Povos da Floresta. Acabei conhecendo o Chico Mendes e o Ailton Krenak. Foi nesse tempo que se formou essa grande Aliança para o Brasil e para a Amazônia.

Me lembro da primeira vez que nos reunimos: foi em Goiânia, em setembro de 1987, durante a Semana da Paz, depois do famoso acidente radioativo do Césio 137. Os seringueiros e os indígenas vieram até Goiânia para participar da Semana da Paz, em solidariedade ao povo de Goiás. Fechamos o acordo de fazer o I Encontro da Aliança dos Povos da Floresta no mês de março de 1989, no Acre.

Goiânia, naquele momento, estava sendo vítima do medo e de muito preconceito. Muita gente estava em

pânico porque o acidente tinha sido feio. Mesmo assim, os indígenas e seringueiros marcaram presença. Eles entenderam que essa era uma boa oportunidade para continuar a articulação da Aliança dos Povos da Floresta entre mais lideranças.

Me lembro de Chico Mendes falando que para nós, indígenas, e para os seringueiros que defender a floresta era como defender a nossa própria vida. Na visão do Chico Mendes, aquela era uma luta que precisava do apoio de muita gente: de muitos aliados dentro e fora da floresta. Ao ouvirmos Chico Mendes falar daquele jeito, sentíamos na hora que se tratava de uma questão de vida, não de sobrevivência, mas da própria vida.

Depois veio a morte, a tristeza, o desconsolo e, no meio disso tudo, a decisão de fazer o Encontro da Aliança como combinamos. Em março de 1989, sem Chico Mendes – mas para honrar o compromisso assumido com ele – fomos todos em direção ao Acre e fizemos o nosso I Encontro dos Povos da Floresta.

Fonte: “Vozes da Floresta”, 1^a edição, editora Xapuri, 2008.



RETOMADA E REORGANIZAÇÃO

Em 2005, um grupo de trabalho interno da rede Grupo de Trabalho Amazônico (GTA) sugeriu a retomada da Aliança dos Povos da Floresta.

Em 2007, representantes do Conselho Nacional dos Seringueiros, da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab) e do GTA se reuniram em Santarém, no Pará, para discutir a proposta.

Em 19 de junho, durante o seminário “O Papel dos Povos da Floresta no Desenvolvimento Socioambiental da Amazônia”, em Brasília, a ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, ministra do Meio Ambiente, anunciou a realização do II Encontro dos Povos da Floresta, entre os dias 18 e 23 de setembro de 2007, na Capital Federal.

A ministra, que ajudou Chico Mendes a organizar o I Encontro dos Povos da Floresta, realizado em março de 1989, no Acre (do qual não pôde participar por ter sido assassinado poucos meses antes, em dezembro de 1988), ressaltou a história da Aliança dos Povos da Floresta: “Temos de celebrar o esforço dessas comunidades historicamente marginalizadas, que foram capazes de ampliar uma aliança fundamental para recuperar a sua história e avançar socialmente”, disse.

O I encontro aconteceu em 1989, junto com o II Encontro Nacional dos Seringueiros, em Rio Branco, sob o impacto da morte do líder seringueiro Chico Mendes, assassinado em 1988, no Acre. Em vida, Chico Mendes denunciou projetos que provocaram e provocam a devastação das florestas e conseguiu a suspensão de muitos deles. Com isso, foi acusado por políticos e donos de

terras de atrasar o desenvolvimento do Brasil e impedir o progresso do Acre, sendo morto na porta de sua casa.

Ao lado de representantes do GTA, da Coiab, do CNS, do Unicef e da Rede de ONGs da Mata Atlântica, Marina enumerou o que considera como avanços obtidos pelos Povos da Floresta durante o governo Lula. A ministra citou “os 18 milhões de hectares em reservas extrativistas criadas nos últimos quatro anos” e prometeu que “nos próximos meses teremos mais oito milhões de hectares para este fim”. Ela também citou “os 10 milhões de hectares em terras indígenas homologadas na primeira gestão do governo Lula” e a redução do desmatamento de 50% na Amazônia e de 75% na Mata Atlântica.

Com a tentativa de unificar os interesses comuns dos povos que vivem na Amazônia e nos biomas Caatinga, Mata Atlântica, Cerrado, Pampa e Pantanal, estiveram presentes mil delegados e delegadas, entre indígenas e seringueiros 4.044 participantes da sociedade em geral. O evento foi organizado pela Aliança dos Povos das Florestas, composta pela Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab), pelo Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS) e pelo Grupo de Trabalho Amazônico (GTA).

O II Encontro Nacional dos Povos das Florestas colocou em debate temas que Chico Mendes, certamente, defenderia hoje, tais como: o impacto de grandes obras de infraestrutura, mudanças climáticas, aquecimento global, desmatamento, destruição de rios, exploração ilegal de madeiras, distribuição de renda, conservação das florestas e a subsistência dos seus povos. A abertura foi realizada no Teatro Nacional de Brasília, ao som de Milton Nascimento e com a presença do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

MANIFESTO DE LANÇAMENTO DO II ENCONTRO DOS POVOS DA FLORESTA

NÓS, os Povos da Floresta, reunidos no Rio Negro durante o I Seminário “A Importância dos Povos da Floresta no Contexto das Mudanças Climáticas Globais”, realizado pela Aliança dos Povos da Floresta, organização histórica de defesa da Floresta Amazônica e da melhoria da qualidade de vida dos povos que nela habitam, vem de público:

ALERTAR:

Sobre o impacto das mudanças climáticas no Planoeta, no Brasil e em especial na Floresta Amazônica. Cientistas prevêem que o aquecimento global poderá elevar a temperatura na Amazônia em até 12 graus Celsius ainda neste século. Com o aumento da temperatura haverá menos chuvas e mais secas, diminuindo a biodiversidade e tornando impossível a vida da população da Amazônia, principalmente dos povos que vivem na floresta. Esse impacto já está sendo sentido por nossas comunidades, onde nossas populações indígenas já não podem ser guiadas pelo calendário lunar, porque o clima já alterou os fenômenos da natureza na nossa região.

RECOMENDAR:

1. A inclusão de mecanismos para incentivar a redução das emissões de carbono oriundas do des-

matamento tropical nas políticas públicas internacionais, nacionais e regionais, porque a história nos ensina que não há possibilidade de construir um desenvolvimento sustentável para a Amazônia sem a participação das populações que nela habitam.

2. O reconhecimento e o desenvolvimento de alternativas para remunerar os povos da floresta por seus serviços ambientais de manutenção da floresta em pé prestados ao Brasil e ao mundo. Assim, a comunidade internacional e o Governo Brasileiro estarão fazendo justiça e dando aos povos da floresta o mesmo tratamento dado hoje às grandes plantações industriais, de compensações através do mercado internacional de carbono. Para isso, a Aliança dos Povos da Floresta sugere ao Governo Brasileiro abrir de imediato um amplo debate nacional sobre a elaboração de uma agenda socioambiental para as obras de infraestrutura necessárias para o desenvolvimento da Amazônia e do Brasil.

3. O repúdio à atitude irresponsável do atual governo dos Estados Unidos, maior emissor de GEE do mundo, ao se retirar das negociações internacionais e ao se recusar a tomar medidas concretas para reduzir as suas emissões.

Em face desta grande ameaça, a Aliança dos Povos da Floresta Amazônica decidiu:

1. Organizar o II Encontro Nacional dos Povos da Amazônia Brasileira, a ser realizado em Brasília, Brasil, entre 18-12 de setembro de 2007 como um Fórum Aberto para a Sociedade Brasileira interagir com os povos da floresta.
2. Criar seu próprio mecanismo de compensação, o MECANISMO CARBO NEUTRALIZADOR DOS POVOS DA FLORESTA, MCPF, a ser emitido pela Aliança dos Povos da Floresta, para ajudar a parar o desmatamento e reduzir a emissão de carbono na Amazônia. Além de dar uma resposta concreta às necessidades dos povos da floresta que estão lutando para defender a Amazônia para as gerações presentes e futuras, o MCPF vai atuar como um mecanismo independente e complementar, sendo negociado em nível nacional e internacional.

Estamos à disposição da mídia e da sociedade de todo o mundo para fornecer informações adicionais àqueles que se preocupam com o futuro do Planeta e da Amazônia.

Rio Negro, Amazonas, Brasil April 27, 2007

ALIANÇA DOS POVOS DA FLORESTA

EM DEFESA DO TERRITÓRIO

Júlio Barbosa de Aquino

A aproximação com os indígenas se dava através do Terri [Aquino] do [Antônio] Macedo e do Mauro Almeida, que aproximaram os caciques indígenas de Chico Mendes. O cacique Soeiro foi com Chico para Brasília. Esse cacique velhinho, pai do Siã Kaxinawá, foi uma figura importante nesse processo.

Foi dele que ouvi, pela primeira vez, palavras sobre a necessidade de fazer uma aliança entre índios e seringueiros pela defesa do território. Foi assim que os Povos da Floresta se uniram. A Aliança dos Povos da Floresta começou assim: legitimada depois da morte do Chico Mendes e continua viva até hoje.

Com a retomada da Aliança em 2007, com a reestruturação da Aliança, novamente demos um passo extremamente para alavancar o debate sobre as mudanças climáticas, porque conquistamos as florestas e demarcamos os territórios. Cuidamos hoje de 120 milhões de hectares de floresta, que precisam ser preservadas.

No futuro precisamos ter nossos governantes saídos da base, do nosso meio. Mais uma vez digo que a Aliança dos Povos da Floresta e a Aliança International dos Povos da Floresta vão desempenhar um papel fundamental no convencimento dos governantes e da sociedade civil de que é necessário investir em organismos de pesquisa e tecnologia para podermos identificar, contabilizar e tabular toda a riqueza que a floresta nos oferece em pé.

MUITOS CHICOS EM NOSSA FLORESTA

Ubiraci Brasil Yawanawá

Eu me chamo Nishiyuaka Yawanawá, nome dado pelos meus pais e em português fui batizado pela igreja católica como Ubiraci Brasil. Eu venho de uma família tradicional de lideranças do meu povo. O meu avô Oshunauwa, Antonio Luís, foi o primeiro índio Yawanawá a fazer contato com homem branco. Não me lembro o tempo, mas eu creio que foi no final do Séc. XVII, início do Séc. XVIII. Eu sou filho da filha dele e desde pequeno convivi com meus tios, como se fosse os príncipes Yawanawá.

Ao lado das lideranças, meus tios, Antonio Luís, ajudei na demarcação do nosso território, na desocupação da invasão da nossa terra. No início dos anos 80 fui para Rio Branco sonhando estudar. Tinha o sonho de fazer uma faculdade de direito, como todos jovens, indígena e não indígena sonha. Lá me juntei a outras lideranças indígenas do Acre e criamos o Movimento Indígena do estado do Acre, a UNI-Acre.

No ano de 86 se discutia, no Brasil, escrever a nova carta Magna brasileira, a Constituição brasileira. Além de me envolver no Movimento indígena, também nos juntamos no movimento dos povos da floresta, que foi Sindicato dos trabalhadores rurais, seringueiros, e nos povos indígenas. Foi aí se criou esse movimento que demos o nome de Aliança dos povos da floresta.

Ainda em 86, a UNI nacional mapeou a possibilidade de eleger algumas lideranças indígenas para participar da constituição. Como ainda é hoje no Brasil, a gente só pode ter voz política, ser respeitados, se virarmos políticos. E se formos eleitos! Então, eu fui escolhido no Acre e nessa época o PT pela primeira vez na história, do Acre, forma uma chapa própria, com candidatos a governador, senador, deputados estaduais e federais.

Eu fui escolhido dentro do Movimento indígena e apresentado ao PT. Foi quando me encontrei com Chico Mendes. Eu andei com o Chico nessa campanha. Ele candidato a deputado estadual, eu a Maria e Bacurau, candidatos a deputados federais. Aonde a gente ia, aonde a gente tinha voto, a gente levava o Chico Mendes.

Eu o trouxe para Feijó e Tarauacá, porque ele era mais da região de Xapuri. E teve outros lugares que não me lembro, sonhando de fortalecer a aliança dos povos da floresta, para que índios e seringueiros, ribeirinhos, pequenos agricultores, que formavam o sindicato, pudessem ter voz. A gente caminhou muito. Nós éramos amigos, muito irmãos.

Tivemos a oportunidade de participar da Semana da Amazônia, em Nova York - não lembro a data porque já faz tanto tempo - mas que o Chico Mendes estava, junto com outras lideranças do Movimento dos Sindicatos dos trabalhadores rurais.

Chico Mendes era uma pessoa muito determinada, simples, humilde. Como tem hoje muitos Chicos Mendes na nossa floresta, que está na sua colocaçãozinha, trabalhando para sobreviver, sustentar sua família, mas pensando no bem comum de todo mundo.

A gente sabe que muitas companhias estão entrando pro Acre, na Amazônia, para abrir pastos, devastar, montar grandes madeireiras e esse sistema é pro mundo externo. Não é pra nós. Porque nós, povos indígenas, nós seringueiros, moradores dessa região continuamos com muitas necessidades. Isso não justifica gerar economia simplesmente. A gente sabia que isso gerava violência. E o Chico Mendes foi uma pessoa que lutou muito contra isso. Até chegar um ponto de ele perder sua própria vida. Ele foi muito corajoso.

Ele trocou a vida dele pela liberdade desses povos da floresta, porque a partir daí, a voz dos povos da floresta começou a ecoar em todo canto do mundo. Inclusive, dentro dos palácios, dentro das assembleias, nas câmaras de vereadores, nas prefeituras. E hoje, o mundo continua, ainda, debatendo o aquecimento global que é real, um alerta total para humanidade. E Chico Mendes, lá atrás, já estava prevendo isso. E nós, povos indígenas, também fazemos isso desde o princípio.

Isso é o que eu tenho a falar de Chico Mendes. Um Homem que pensava o futuro para o bem da humanidade. E que tem hoje o respeito e o amor eterno das lideranças indígenas da Amazônia. Eu sou uma dessas pessoas, que lembro do Chico Mendes como um amigo, um irmão, pra sempre. E ele tem inspirado novas gerações de índios e não índios, na luta pelo direito, pela preservação das florestas e pela questão ambiental.

Fonte: “Vozes da Floresta”, 3^a edição, editora Xapuri, 2024.

II ENCONTRO DOS POVOS DA FLORESTA

Adilson Vieira



Foto: Acervo CNS

Vinte anos após a criação da Aliança dos Povos da Floresta, que unificou, no Acre e no Brasil, a luta de indígenas, seringueiros e outras populações da Amazônia, os Povos da Floresta reuniram-se, em setembro de 2007, em Brasília, no II Encontro Nacional dos Povos

da Floresta, em um reencontro das lideranças que ajudaram a consolidar a conquista do espaço político dos Povos da Floresta na sociedade brasileira.

Vindos dos nove estados da Amazônia Legal (Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins, e de todos os outros biomas brasileiros (Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampas e Pantanal), os nossos Povos da Floresta - seringueiros e seringueiras, indígenas, açaizeiros e açaizeiras, castanheiros e castanheiras, ribeirinhos e ribeirinhas, caboclos e caboclas, quilombolas, quebradeiras de coco, pescadores e pescadoras, erveiros e erveiras, artesãos e artesãs - antes vistos como parte do folclore brasileiro, chegaram ao II Encontro como atores sociais capazes de impactar as políticas públicas nacionais.

Nesse Encontro em que honramos a memória e reverenciamos o legado de Chico Mendes e de todas as lideranças que tombaram em defesa da floresta amazônica e dos povos que nela e dela vivem, quanta coisa mudou! O principal objetivo do II Encontro Nacional dos Povos da Floresta (o I Encontro ocorreu em Rio Branco, no Acre, em março de 1989, meses depois do assassinato de Chico Mendes), era construir um espaço coletivo de reflexão sobre as mudanças vividas pelo Movimento nessas duas décadas:

Conquistamos uma série de Reservas Extrativistas (Resex), na Amazônia e em outros biomas; foram criadas muitas Unidades de Conservação (UCS) no Brasil inteiro; e foram demarcadas várias Terras Indígenas, dispersas por todo o território nacional. Tudo isso adérm de uma luta e de um posicionamento dos Povos

da Floresta, das comunidades extrativistas, dos Povos Indígenas e de outras populações trabalhadoras, não só da Amazônia, mas de todo o Brasil.

O II Encontro dos Povos da Floresta mostrou que nossas conquistas resultaram de todas as lutas socioambientais que travamos na Amazônia e em todo o território nacional. Juntos, comprovamos um enorme grau de amadurecimento do Movimento Socioambiental da Amazônia e, sobretudo, dessa grande união dos Povos da Floresta, que são aqueles que menos contribuem para o aquecimento global e os que mais sofrem com os efeitos já perceptíveis das mudanças climáticas.

Muitas lideranças falaram disso e deram como exemplo a seca que atingiu a Amazônia em 2005, (e que voltou devastadora, em 2023). Outra vez, as comunidades indígenas, seringueiras e ribeirinhas - que em toda a sua existência jamais contribuíram com sequer uma tonelada de gases-estufa na atmosfera - ficaram isoladas, sem comida, sem remédios, sem água para beber, e, da forma mais trágica, sem as águas dos rios para navegar com suas canoas e barcos. Chamamos todos e todas: militantes, ambientalistas, setor privado, governo e sociedade para o diálogo.

Um total de 5044 pessoas atenderam à nossa convocação. Ali enfrentamos o desafio de, uma vez mais, reinventar a Amazônia. Depois de três dias juntos, concluímos que a reinvenção da Amazônia é necessária e possível, porque nós, os Povos da Floresta, mais uma vez, decidimos que essa reinvenção precisa e vai acontecer.

Nesse sentido, o sonho de Chico Mendes de fazer da Amazônia, parodiando os zapatistas “um mundo, uma Amazônia onde caibam muitas Amazônias” - uma Amazônia plural, símbolo de uma nova universalidade humana, nascida de uma nova sociedade amorosa e solidária, esteve presente durante todo o II Encontro dos Povos da Floresta.

Soubemos, uns dos outros, que na verdade essa reinvenção já se concretiza, seja em memória aos nossos heróis e mártires, tão lembrados durante o II Encontro, seja pelo esforço contínuo de luta de nossos companheiros e companheiras que, com seu suor, com seu trabalho e com o seu pensar, desenvolvem caminhos inovadores para garantir a sustentabilidade econômica, social, cultural e biológica da Floresta Amazônica e dos Povos da Floresta.

Caminhos esses que se materializam no avanço das Reservas Extrativistas, no manejo comunitário de lagos, nos sistemas agroflorestais, na coleta do mel nativo, no uso das fibras para a criativa confecção do artesanato, na sadia manipulação de nossos frutos - de diferentes formas, cores e sabores - na demarcação das Terras Indígenas e em todas as outras atividades apaixonantes do dia a dia do nosso povo no coração da floresta.

Entretanto, a partir do II Encontro Nacional dos Povos da Floresta, fica a angustiante certeza de que “ainda somos vulneráveis, muito vulneráveis”, sentimento vocalizado pelo Júlio Barbosa, pelo Jecinaldo Saterê-Mawé e por tantas outras lideranças.

Depois do Encontro, essa frase ficou durante dias martelando na minha cabeça, pois estávamos todos ali,

juntos, avançando na construção da sociedade solidária e fraterna dos sonhos de Chico Mendes, mas, ao voltar para casa, um mundo diferente nos esperava. Porque, mesmo felizes com as muitas conquistas que tivemos, sabemos que ainda temos pela frente uma longa estrada a ser trilhada. Porque ainda falta muito para que as nossas populações extrativistas, indígenas e tradicionais tenham sua cidadania plena.

Em memória do Chico Mendes, nos comprometemos todos com a decisão tomada de que não podemos, não queremos e não vamos esperar mais tempo para que os Povos da Floresta possam, de fato, se orgulhar da sua condição de cidadãos e cidadãs brasileiros.

Fonte: “Vozes da Floresta”, 1^a edição, editora Xapuri, 2008.

ENCONTRO DE PIARAÇU



Foto: Erik Terena/Mídia Ninja

Em janeiro de 2020, o Encontro Mebengokré — convocado pelo cacique Raoni e organizado pelo Instituto Raoni em parceria com diversas organizações não governamentais — aconteceu ao longo de quatro dias em uma aldeia Kayapó, no território do Xingu.

O encontro na terra indígena Kayapó foi um sucesso. Eram esperadas 450 pessoas, mas o evento reuniu 600 participantes. Alguns convidados — e mais de 200 visitantes extras, bem recebidos —, viajaram por até cinco dias, dormiram em barracas, redes e em alojamentos improvisados para atender ao chamado de Raoni. A grande maioria das pessoas era indígenas, somados a jornalistas nacionais e internacionais, e amigos de longa data do cacique Raoni.

Durante o Encontro, Angela Mendes — liderança ambiental e filha de Chico Mendes — propôs a retomada da Aliança dos Povos da Floresta, criada por seu pai e pelo líder indígena Ailton Krenak nos anos 1980. Em 1989, três meses após o assassinato de Chico Mendes, essa aliança foi reafirmada em um encontro simbólico entre os povos da floresta, em sua homenagem e como forma de fortalecer a união entre eles.

“Desde o ano passado percebemos que precisávamos nos unir, pois os tempos atuais pedem que estejamos todos juntos. Temos um governo literalmente fascista”, afirmou Angela, muito emocionada, após reencenar um momento protagonizado por seu pai, nos anos de 1980, ao se reunir com povos indígenas para reafirmar a Aliança dos Povos da Floresta.

O clima era de alegria, com os representantes de 45 povos vestidos com as cores de suas culturas originais. A reunião final, no centro da aldeia, com todas as lideranças e seus representantes que participaram da luta pela inclusão dos direitos indígenas na Constituição Federal de 1988, foi um dos momentos mais emocionantes.

Fonte: Comitê Chico Mendes

JORGE TERENA: UM DOS IDEALISTAS DA ALIANÇA

Marcos Terena



Foto: Divulgação

Jorge Terena foi idealizador, junto com Ailton Krenak, Davi Yanomami, Marcos Terena e Paulinho Paiakan, do histórico Núcleo dos Direitos Indígenas (NDI), tendo contribuído, assim, na elaboração do capítulo dos Direitos Indígenas na Constituição Federal, a nossa Carta Magna de 1988.

Como assessor de José Lutzenberger para os temas indígenas, o grande parente Jorge Terena teve papel estratégico importante na demarcação da Terra Indígena Yanomami, no ano de 1992. O companheiro Jorge

era inteligente, sóbrio e sempre solidário. É impressionante lembrar que ele não raro tirava do bolso o que às vezes não tinha, para ajudar, socorrer, dar guarida a um companheiro. Sempre afetivo e festivo, fazia de sua casa um centro comunitário.

No dia 9 de novembro de 2007, foi chamado a embarcar nas asas da quimera, para percorrer o caminho das estrelas. Como a maioria de seus irmãos indígenas, não pôde perceber a tempo que seu corpo estava tomado pelas doenças da modernidade, como o diabetes e o câncer.

Homenageamos, aqui, a um dos idealistas da Aliança dos Povos da Floresta: indígena pantaneiro, exímio cavaleiro que sabia, como nenhum outro, fazer e conservar suas amizades, contar histórias e propor ações a favor dos direitos indígenas, aproveitando sua experiência de cidadão bilíngue e bicultural, levado que foi, ainda jovem, aos Estados Unidos, onde certamente aprendeu novos costumes, experimentou grandes aventuras, sem, contudo, jamais esquecer seu povo, suas raízes e suas tradições.

Fonte: “Vozes da Floresta”, 1^a edição, editora Xapuri, 2008.



VALEU A PENA O DIÁLOGO PARA FAZER A NOSSA ALIANÇA

Antônio Apurinã



Foto: Acervo CNS

Sou cofundador da União das Nações Indígenas (UNI) e cofundador da Aliança dos Povos da Floresta. A UNI era uma instituição forte politicamente, mas sem registro jurídico, a gente trabalhava debaixo do guarda-chuva do Núcleo de Cultura Indígena (NCI), fundado pelo Ailton Krenak, lá em São Paulo.

Legalmente, a UNI também era só um nome de fantasia, porque até a Constituição de 1988 os Povos Indígenas não tinham o direito de ter suas próprias organizações. Nossa principal luta era pela regularização

das Terras Indígenas, porque esse foi o tempo em que, no governo Sarney, o Estado brasileiro tentou nos tirar das nossas Terras Indígenas e nos isolar em colônias, sem direitos e sem liberdade.

No Acre, nossa luta era a mesma, só que um pouco mais acirrada, porque estávamos em vias de perder as nossas Terras para o desmatamento, provocado pelos “paulistas” para implantar a pecuária extensiva. Foi por causa das ameaças comuns que começamos a conversar com os seringueiros, através do Chico Mendes e de outras lideranças.

Então surgiu a ideia de fazermos uma Aliança para apoiar a luta dos Povos Indígenas na defesa dos seus direitos originários, e também para apoiar os seringueiros na defesa das Reservas Extrativistas. Trabalhando unidos, um podia fortalecer o outro. A Aliança foi uma das coisas mais bonitas que aconteceram no Movimento Social brasileiro.

Quando o Chico estava vivo, ele falava sempre da importância da nossa Aliança. Me lembro de uma vez em que fizemos uma assembleia indígena na Fundação Cultural do Acre, por volta de 1987, e o Chico, que tinha chegado de uma viagem do exterior, contou pra gente que, por onde tinha passado, ele tinha deixado recado sobre a Aliança. Nessa época, eu estava me iniciando na militância, com muita perseguição da ditadura, mas a força do Movimento era muito forte.

A ditadura foi uma fase horrível, em que não tínhamos liberdade de nos expressar, com a Funai controlando todos os nossos movimentos. Hoje é outra coisa, conquistamos, pela força da luta da Aliança e dos movi-

mentos, esse bem tão essencial que se chama liberdade. É por isso que, olhando para trás, eu vejo que valeu a pena o trabalho da UNI, do CNS, valeu a pena o diálogo para fazer a Aliança, valeu muito a pena essa trajetória e essa caminhada.

Eu sou uma prova viva do quanto essa luta foi importante. Vivo com alegria a experiência de ver que o indígena deixou de ser tratado pela Funai como bichinho de estimulação. Mas falta, ainda, o governo regularizar de uma vez por todas as Terras Indígenas e fazer o mesmo com todas as reservas dos seringueiros e de todas as outras comunidades extrativistas do Brasil.

Fonte: “Vozes da Floresta”, 1^a edição, editora Xapuri, 2008.

**UMA ALIANÇA QUE
VAI DURAR PARA SEMPRE
PORQUE ESTAMOS DO MESMO LADO**

Álvaro Tukano



Foto: Divulgação

Sou Tukano da Terra Indígena Balaio, estado do Amazonas, município de São Gabriel da Cachoeira. Sou fundador da Aliança dos Povos da Floresta, junto com o Ailton Krenak, com o Chico Mendes e com tantos outros companheiros. Tenho orgulho de participar desse Movimento, porque a Aliança é muito importante para todos os Povos da Floresta.

A história da Aliança tem um papel muito grande para as lideranças que vêm chegando, porque dá força

na luta dessas novas lideranças para manter nossas florestas em pé. A Aliança teve um sentido amplo, porque conseguimos lutar juntos, indígenas e seringueiros.

Nós, que começamos separados, vindos de mundos tão diferentes, terminamos por somar na luta, porque descobrimos que temos os mesmos interesses, que o melhor para nós será estarmos sempre do mesmo lado, pela floresta.

Fizemos essa Aliança para defender a vida e a natureza para os indígenas, para os seringueiros, para os povos que vivem e os que não vivem na floresta. É por isso que muitos indígenas foram para Xapuri na época dos empates, ajudar o Chico Mendes a lutar contra os jagunços e as derrubadas. E, depois da morte dele, eu mesmo fui lá, visitei as Reservas Extrativistas, visitei a casa e o túmulo dele, em busca de mais força para seguir lutando.

Com o Chico Mendes, aprendemos a sempre buscar aliados, a não só ficar esperando pelas autoridades. Por exemplo, para demarcar as Terras Indígenas sempre precisamos muito das autoridades, mas as nossas terras não seriam demarcadas se não fosse pela nossa luta, se não fosse pela Aliança, se não fosse pela iniciativa da autodemarcação que nós tomamos anos atrás. E se os seringueiros hoje têm as suas Reservas Extrativistas, foi porque eles, com a nossa ajuda, fizeram os empates do modo deles.

Se não fosse o Chico Mendes fazendo as coisas do jeito dele, se juntando com os indígenas, fazendo amizade com a imprensa e buscando aliados lá fora, hoje a gente não estava aqui falando da Aliança dos Povos da

Floresta. Eu fui para a reunião da Aliança em 1989. O Chico já tinha morrido. Foi muito triste, mas também muito bonito, porque todos se comprometeram em continuar com a luta do Chico.

Hoje o Chico não está mais aqui, mas a luta continua, e a Aliança continua viva para todo índigena e todo seringueiro. Isso me emociona porque nós já brigamos muito com os seringueiros, quando a gente achava que qualquer um era inimigo. Só depois, com o Chico Mendes e o pessoal dele, foi que vimos que eles eram nossos aliados, que não vieram para o Acre matar índios como os patrões deles falavam pra nós.

Do mesmo jeito que nós, eles também eram contra o desmatamento e contra a pecuária que acabavam com a floresta. Então nós ficamos amigos, nós fizemos essa Aliança que vai durar para sempre, porque estamos do mesmo lado.

Fonte: “Vozes da Floresta”, 1^a edição, editora Xapuri, 2008.

CARTA DE XAPURI: CHICO MENDES 30 ANOS



Foto: Acervo Comitê Chico Mendes

Querido Chico:

Nesta semana, do dia 15 ao dia 17 de dezembro de 2018, nós, mais de 500 pessoas de todas as partes do Acre, da Amazônia, do Brasil e do planeta, nos reunimos na sua cidade de Xapuri-Acre para honrar sua memória e defender seu legado, nos 30 anos de sua ausência física dos espaços deste mundo.

Vivemos momentos de muita saudade e de muita emoção, Chico! Aqui estiveram seus companheiros seringueiros e suas companheiras de empate; de longe,

vieram representantes de comunidades extrativistas de todos os biomas brasileiros; chegaram seus amigos de fora da floresta, do Brasil e do exterior; apareceu gente que conviveu com você, e também muita gente nova, movida pela força de seus ideais.

Durante três dias, refletimos muito sobre o sentido daquela sua sábia fala que imortalizou a sua visão estratégica sobre o futuro do nosso planeta: “No começo, eu pensei que estava lutando para salvar as seringueiras; depois, pensei que minha luta era para salvar a Floresta Amazônica; agora, percebo que estou lutando para salvar a humanidade.” Com certeza, Chico! Sua luta foi além, muito além de você mesmo.

Só mesmo você, Chico, para fazer acontecer, nesse tempo amazônico de poucos voos e muitas chuvas, esse nosso diálogo tão profundo que, por inspiração sua, nos faz seguir lutando por um modelo de desenvolvimento sustentável que nos livre das mazelas da depredação ambiental e da contaminação das águas, do solo e do ar que respiramos.

Só você mesmo para nos fazer seguir lutando por uma sociedade mais justa, mais solidária e mais igualitária; por esse outro mundo que acreditamos ser ainda possível!

Só mesmo você, Chico, para nos fazer seguir sonhando ante os retrocessos que se anunciam já nas primeiras decisões de um governo eleito que ainda nem tomou posse e já retira do Brasil o direito de sediar a próxima Conferência do Clima, já declara guerra aos sindicatos, às organizações da sociedade civil, aos movimentos sociais, aos direitos conquistados pela juventude, pelas mulheres, pelos Povos Indígenas, pelas

comunidades quilombolas, ribeirinhas, extrativistas, pelos Povos da Floresta e por todas as populações tradicionais do Brasil.

E por falar em juventude Chico, você deve estar feliz com a decisão que seus companheiros e companheiras do CNS tomaram de fazer deste Encontro um momento de compartilhar conhecimento e de transferência geracional. Assim como você sonhou um dia, mais da metade das pessoas que aqui estão são jovens.

São jovens que vieram para firmar compromisso com a defesa do seu legado para os próximos 30 anos! Infelizmente “a lembrança de um triste passado de dor, sofrimento e morte”, registrada por você em sua mensagem aos jovens do futuro, datada para 6 de setembro de 2120, é ainda tristeza constante em nossos dias. Os números são alarmantes, companheiro Chico: a cada cinco dias uma companheira ou um companheiro seu, e nosso, é assassinado no Brasil.

Somente no ano de 2017, foram registrados mais de mil conflitos por terra, água ou trabalho nos campos e nas florestas do nosso país. Nos últimos 12 meses, foram ao menos 70 mortes.

A última delas foi a do companheiro Gilson Maria Temponi, em Placas, no Pará. Imagina Chico, mais uma morte quando já estávamos aqui reunidos para honrar sua memória, nos 30 anos do seu assassinato, na porta dos fundos de sua casa, no dia 22 de dezembro de 1988, pelas balas traiçoeiras de uma espingarda disparada a mando do latifúndio.

Mas nem tudo é tristeza! Com grande alegria, aqui celebramos o seu legado. A luta de seus companheiros e companheiras transformou as Reservas Extrativistas!

Aquela proposta de uso comum e coletivo das áreas de floresta pelas populações extrativistas que você apresentou no I Encontro Nacional dos Seringueiros, realizado em 1985, em Brasília, cresceu, tornou-se política pública, não só na Amazônia, mas também nos outros biomas brasileiros.

Hoje são milhares de famílias, vivendo em milhões de hectares de áreas protegidas. E nessas áreas, ainda que falte muito, além da produção extrativista, já existe escola, posto de saúde, luz elétrica, e em muitos casos até internet!

Só que agora, companheiro Chico, os novos governos e o parlamento eleitos ameaçam entregar as terras sob nossa guarda, que garantem a sustentabilidade da nossa economia e do nosso modo de vida ao agronegócio, às madeireiras e à mineração. Esquecem que os serviços ambientais que prestamos beneficiam não só a nós, mas a todos os povos do mundo.

Tomara, companheiro Chico, que as conquistas desse seu legado, resultado da nossa resistência nessas últimas três décadas, das alianças que você tão generosamente construiu com os mais variados parceiros da floresta e de fora dela, sensibilizem os corações e mentes de quem está chegando ao poder para continuar respeitando e trabalhando junto aos nossos Povos da Floresta, em defesa de nossos territórios, da conservação ambiental e dos direitos sociais do povo brasileiro.

Oxalá, companheiro Chico, aqui mesmo, nas barrancas do Rio Acre, nessa sua amada terra de Xapuri, no coração da Floresta Amazônica, a juventude do ano 2120 possa estar reunida numa auspiciosa Semana

Chico Mendes, para celebrar a força da luta que carregamos juntos com nosso povo, das matas, do sertão, do mar, dos rios e das florestas, para comemorar a união de todos povos em torno dos ideais que você nos legou e da revolução planetária que a medida do tempo não te permitiu viver, mas que você teve o prazer de ter sonhado.

CHICO MENDES 30 ANOS

NINGUÉM ABANDONA A DEFESA DOS POVOS DA FLORESTA!

NINGUÉM DESISTE DO LEGADO DE CHICO MENDES!

NINGUÉM SOLTA A MÃO DE NINGUÉM!

Xapuri, Acre, 17 de dezembro de 2018

Fonte: Revista Xapuri (www.xapuri.info)

FORTALECER A ALIANÇA PARA CAMINHAR EM OUTRAS DIREÇÕES

Joaquim Corrêa de Souza Belo

“O Movimento fez o Acre caminhar em outras direções.” Essa era a visão do Chico e foi por causa dessa ideia que vim parar numa entidade de defesa da floresta. Continuo com a visão do Chico de expandir as conquistas dos Povos da Amazônia construindo alianças.

Transformar cada povo da floresta num elo forte, com cada elo sendo parte importante dessa corrente. Com a Aliança dos Povos da Floresta, a gente conseguiu parte disso. Hoje, o nosso desafio é mais complexo.

A Aliança, no passado, tinha o foco de resistência na conquista dos territórios. Muitos direitos foram conquistados, muita legislação foi aperfeiçoada. Vejo que a Aliança foi uma ferramenta muito importante de articulação, de fortalecer nossa capacidade de se organizar, de se articular justamente para superar os desafios que nos são colocados.

A dimensão do papel da Aliança agora é muito maior. Precisamos nos dedicar ainda mais à questão da defesa de nossos direitos. Estamos vivendo uma crise, fruto de violação de direitos, que é a questão da mudança climática. Uma conquista importante foi a criação das nossas Unidades de Conservação e a definição dos nossos territórios, que cresceu muito nos governos Lula. Isso não é uma coisa que a gente pode desconsiderar.

Contudo, o nosso Movimento tem ficado um pouco estagnado. Temos tido dificuldades burocráticas na execução, na política, no avanço do papel de liderança. Uma estratégia diferente em que temos apostado ultimamente e que vem dando certo chama-se Escola Família.

Nós já temos um grupo considerável de jovens muito envolvidos com a questão das políticas públicas. É um modelo de escola que não se preocupa simplesmente com aquela parte mais acadêmica, mas também com o cidadão, com a cidadã, com esse lado mais social. Uma escola que tem espaços reservados no currículo para discutir a questão social. Nessa escola, existe tempo para cumprir os conteúdos e tempo para a discussão dos problemas da comunidade.

Precisamos pensar em formar quadros para substituir no futuro as lideranças atuais. No Amapá, nós já temos várias escolas ligadas ao tema da agrobiodiversidade e a ideia é que isso pegue e possamos construir escolas assim, com essa mentalidade, por toda a Amazônia, por todo o Brasil.

Temos que levar a tecnologia para dentro da comunidade, investir na comunicação, nas novas tecnologias. Só assim, poderemos atrair jovens para a luta e manter nossa juventude em nossas comunidades. Sempre vou estar nesse Movimento, porque não tem como a gente se desligar mais disso. Tenho esse compromisso e essa paixão pelo Movimento. Não tenho como sair.

Fonte: www.cnsbrasil.org

“ATENÇÃO JOVENS DO FUTURO!”

Cátia Santos

“Atenção Jovens do Futuro!” Essa é uma frase muito marcante pra mim, pois sinto como um chamado de Chico Mendes para que nós, jovens, mostremos nosso compromisso com o cuidado de nossos territórios, da Amazônia e do planeta. Um forte chamado para que nós, também, sejamos Resistência.

Desde criança, sempre ouvi com atenção as histórias contadas por meu pai, por meu avô e pelos mais velhos de minha comunidade sobre como era a vida em nossa região na época dos patrões, sobre os empates, sobre a luta dos seringueiros, sobre a história de Chico Mendes.

Essas histórias me mostram a importância da trajetória que garantiu a criação das Reservas Extrativistas, em especial da nossa Reserva Extrativista Chico Mendes, uma das quatro primeiras a serem criadas no Brasil, em março de 1990.

Como jovem nascida aqui na Chico Mendes, neste pedaço acreano de floresta protegida, tenho plena consciência de que nós só temos a oportunidade de viver do nosso modo tradicional em nossos territórios extrativistas, graças à luta incansável das lideranças que vieram antes de nós, especialmente Chico Mendes, seus companheiros e companheiras, nossos parentes, nossos antepassados.

Hoje, felizmente, por aqui podemos viver dos recursos da sociobiodiversidade, respeitando a natureza e valorizando nossa cultura e nossa identidade. A coragem e

a determinação que Chico Mendes sempre demonstrou frente aos desafios e ameaças continuam a ser uma fonte de inspiração para mim, pra minha geração e, certamente, para as gerações futuras.

E é por ter dedicado sua vida à proteção da Amazônia e à defesa dos direitos dos Povos da Floresta que Chico Mendes se tornou este símbolo tão forte de Resistência. Embora, como eu, muitos e muitas de nós não tenhamos tido a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente, sua memória e seu legado continuam vivos em nossos corações e em nossas mentes.

Tudo o que ele representa jamais será esquecido. É nossa responsabilidade, enquanto juventude, honrar sua memória e dar continuidade à sua luta, defendendo e protegendo nossos territórios extrativistas, seu principal legado. Seus ideais de justiça social, de defesa dos Povos da Floresta e pela conservação da Amazônia ecoam em nossos corações e nos fortalecem para continuar lutando.

E nós, juventude da floresta, estamos a postos para assumir a missão a nós deixada por Chico Mendes. A luta não é fácil, mas é necessária. Não podemos desistir diante dos desafios.

Fonte: “Vozes da Floresta”, 3^a edição, editora Xapuri, 2024.

FESTIVAL JOVENS DO FUTURO

Bruno Pacífico



Todo dia 6 de setembro, no Acre, o Comitê Chico Mendes realiza o Festival Jovens do Futuro, em memória de Chico Mendes e em defesa de um futuro sustentável para a Amazônia.

O dia foi escolhido porque nesta data, no ano de 1988, Chico Mendes escreveu sua carta-testamento para a juventude do futuro. Em 1988, três meses antes de ser assassinado, o ambientalista Chico Mendes deixou uma carta convocando a juventude do futuro para seguir na luta por um mundo mais justo e mais feliz.

A carta é endereçada aos e às jovens de 2120, que, nos sonhos de Chico Mendes, estariam celebrando 100

anos de revolução e resistência na Amazônia. Com inspiração no “testamento” que Chico deixou para as juventudes, o Comitê Chico Mendes iniciou, no ano de 2020, a realização do Festival Jovens do Futuro, que visa fomentar e difundir as ideias do grande líder que foi Chico Mendes.

Ao longo dos últimos anos, foram realizadas 6 edições do Festival, todas elas no formato híbrido, com atividades presenciais no Acre, compartilhadas, via redes sociais, para outras audiências, em especial para pessoas jovens do Brasil e do mundo.



Fonte: Comitê Chico Mendes

ALIANÇA DAS AMAZÔNIAS



Jovens indígenas e extrativistas durante formação de comunicadores ativistas em Xapuri. - Foto: José Lucas/Comitê Chico Mendes

Somos indígenas, quilombolas, extrativistas, pessoas das periferias, do Norte do Brasil. Somos guardiões desta Terra Sagrada. Somos Amazôncias!

Nosso objetivo é claro: unir, sensibilizar e despertar o sentimento de pertencimento entre os Povos das Amazôncias. Lutamos pela prosperidade dos Povos da Floresta, fortalecendo nossos laços comunitários, nossos Territórios e construindo uma Aliança em defesa da vida.

Enfrentamos a exploração desenfreada da Terra e buscamos a cura para nossa gente e nosso planeta. Nossas raízes foram plantadas há séculos. Não permitiremos que tirem de nós nossas Tradições, nossa Natureza e nosso Sagrado.

Nossas Águas têm o direito de seguir seus cursos. Resistimos nas periferias das cidades e nos territórios. É sobre nossas Casas, nossas Histórias e nossas Lutas! É momento de honrar nossas Ancestralidades com União e Ação.

Somos a Aliança das Amazôncias.

Através de nossas raízes, construímos um presente de esperança e um futuro sustentável. Junte-se a nós nessa jornada de Luta e Resistência!

Vamos mostrar ao mundo a força e a diversidade das Amazôncias. Queremos incluir, pertencer e ecoar nossas vozes por todos os cantos. É momento de honrar nossas Ancestralidades com União e Ação.

Fonte: “Vozes da Floresta”, 3^a edição, editora Xapuri, 2024.



CARTA DE XAPURI: EM DEFESA DOS TERRITÓRIOS E DO BEM-VIVER NAS AMAZÔNIAS

Nós indígenas, comunidades tradicionais, trabalhadores e trabalhadoras rurais, campesinos e camponesas, reunidos no Encontro Amazônico: Terra, Território e Mudança Climática, em Xapuri, no Acre, nos dias 16, 17 e 18 de dezembro de 2021, com a participação de 200 líderes de organizações sociais e populares do Brasil e da Bolívia, reafirmamos o Legado de Chico Mendes de defesa da Amazônia e a Aliança dos Povos das Florestas.

Manifestamos nossos posicionamentos frente ao contexto de ameaças aos territórios de uso coletivo, que para nós povos da Amazônia é sagrado, são espaços de construção e manutenção das nossas identidades, saberes, fazeres, das raízes de nossa ancestralidade, territórios de luta, por isso, afirmamos:

1. Estamos vivenciando ações de retrocessos governamentais no Brasil e em outros países Amazônicos, de pressão à terra, ao território, à biodiversidade e aos modos de vida de povos indígenas e comunidades tradicionais que vivem nas e das florestas. Os retrocessos atuam para a flexibilização das legislações socioambientais, o desmonte das políticas que garantem o direito e à posse da terra e do território a povos e comunidades indígenas, tradicionais, camponesas e quilombolas, obrigan-do-as, em muitos casos, a vender ou fugir para as

periferias das áreas urbanas. Também estabelecem medidas públicas favoráveis à mineração e ao desmatamento na região amazônica, para o agronegócio e a extração ilegal da madeira, com impactos sociais, ambientais, culturais e a vida de todos, e principalmente de quem vive nas florestas.

2. Os efeitos dessas ações governamentais contribuem para a crise climática, afetando diretamente mulheres, juventude, crianças e toda a humanidade. Exigimos dos governos políticas e ações mais eficazes, adequadas para combater os efeitos das mudanças climáticas, com medidas de adaptação, mitigação e respeito à ancestralidade de povos indígenas, comunidades quilombolas, comunidades tradicionais e campesinas.

3. Por isso, defendemos à terra, o território, o fortalecimento de políticas públicas para a agricultura familiar e a produção da sociobiodiversidade na Amazônia, para que povos indígenas, quilombolas, comunidades tradicionais e campesinas possam ter uma vida digna para usufruir o bem-viver na Pan-Amazônica

4. Reafirmamos o legado de Chico Mendes e nos comprometemos em continuar a cuidar da nossa vida e da vida das florestas e da biodiversidade.

5. O protagonismo das mulheres amazônicas, mulheres negras, mulheres indígenas, mulheres quilombolas, mulheres ribeirinhas, mulheres extrativistas, historicamente silenciadas e invisibilizadas, temos um marco no processo de luta e resistência na garantia ao direito à terra e ao território. Nosso propósito é garantir vida justa para todas. Exigimos espaço e o fim da violência e de toda opressão. Lutamos por nossa terra livre para semear, queremos o bem viver.

6. A juventude em diálogo com as lideranças do passado que lutaram e garantiram os territórios, segue articuladas na luta pois os direitos conquistados não são garantidos, é necessário seguir alerta. Os jovens não são jovens do futuro, somos jovens do presente e queremos espaço para atuar em defesa da nossa casa maior, nossa mãe Terra.

7. Reafirmamos que nossa ALIANÇA DOS POVOS DAS FLORESTAS segue unificada, além da nossa articulação com organizações indígenas, campesinas, ribeirinhas, quilombolas, extrativistas, bem como com as instituições, academia e atores sociais de todos os países amazônicos, para fortalecer a nossa luta em defensas das florestas e das vidas.

VIVA A AMAZÔNIA E A ALIANÇA DOS POVOS DAS FLORESTAS!

Fonte: Comitê Chico Mendes

DA ALIANÇA DOS POVOS DA FLORESTA À JUVENTUDE DO FUTURO

Angela Mendes
Angélica Mendes



Foto: José Lucas/Comitê Chico Mendes

Chico Mendes nasceu em um seringal que ficava localizado em Xapuri, no Acre, em 15 de dezembro de 1944. Desde muito cedo, precisou ajudar o pai no ofício e se tornou seringueiro aos 9 anos de idade.

Foi alfabetizado somente aos 19 anos, época em que um vizinho misterioso, um jornalista comunista que estava refugiado na Amazônia, Euclides Távora, lhe deu aulas. Este utilizou de jornais e de discussão política junto ao ensino das palavras. Alfabetizado também politicamente, foi a partir daí que se engajou na criação de sindicatos junto a outras lideranças da época.

Isso porque embora o coronelismo dos seringueiros (os donos dos seringais) tivesse acabado com a queda econômica da borracha, os seringueiros continuavam sendo explorados pelos compradores de borracha, sendo os sindicatos fundamentais para incorporar a reivindicação de seus direitos. Outro problema se fortalecia na Amazônia. A ditadura militar incentivava fazendeiros do sul do país a colonizar a região, com a desculpa de “integração” ao restante do país.

A floresta é, então, tratada como impeditivo ao desenvolvimento e as terras eram vendidas como se ninguém ali vivesse. Foi a partir daí que surgiram os “movimentos de empate” (movimento de resistência onde homens e mulheres impediam o desmatamento de forma pacífica).

Através desse movimento de resistência, Chico entendeu que as demandas dos seringueiros eram muito semelhantes às dos povos indígenas e propôs a formação da aliança dos povos da floresta, união entre indígenas e extrativistas. Resultou desta aliança, o modelo das Reservas Extrativistas (Resex) que foi inspirado na dinâmica existente nas Terras Indígenas.

O conceito da criação das reservas habitadas por comunidades tradicionais é utilizado em muitos países. São unidades de conservação de uso sustentável, que

protegem tanto a biodiversidade quanto os modos de vida das comunidades tradicionais em territórios federais e de usufruto das pessoas que ali vivem. Na Amazônia, atualmente existem 92 unidades (entre Resex e Reservas de Desenvolvimento Sustentável), numa área de 24.925.910 hectares que beneficiam 1.500.000 pessoas.

“No começo pensei que estivesse lutando para salvar seringueiras, depois pensei que estava lutando para salvar a Floresta Amazônica. Agora, percebo que estou lutando pela humanidade.” Chico Mendes, nos anos 80 já falava da importância da Amazônia para vida no planeta, tal qual lutamos atualmente.

Termos como crise climática e racismo ambiental, não existiam na época, mas que já faziam parte do discurso de Chico. No ano de seu assassinato, 1988, Chico deixou uma carta aos jovens do futuro, onde ele fala que uma revolução iniciada em 2020 uniria todos os povos do planeta em um só ideal.

Atenção jovem do futuro - 6 de setembro do ano de 2020, aniversário ou primeiro centenário da revolução socialista mundial, que unificou todos os povos do planeta num só ideal e num só pensamento de unidade socialista, e que pôs fim a todos os inimigos da nova sociedade. Aqui fica somente a lembrança de um triste passado de dor, sofrimento e morte. Desculpem. Eu estava sonhando quando escrevi estes acontecimentos que eu mesmo não verei. Mas tenho o prazer de ter sonhado.

Nesta carta, Chico convoca a juventude para que continue a luta que não é apenas ambiental, mas principalmente social, por um planeta unificado em uma revolução socialista, entendendo que a distribuição de riqueza e o sistema capitalista trás essa destruição, essa dor, sofrimento e morte.

Hoje, olhando a atuação da juventude na agenda climática e o avanço do debate social dentro dessa pauta, nós vemos o quanto Chico era visionário há quase 35 anos atrás. Na Amazônia, até hoje, defensores como Chico Mendes, o casal José Cláudio e Maria do Espírito Santo, irmã Dorothy, Ari Uru-Eu-Wau-Wau e centenas de outros têm arriscado suas vidas e muitas vezes tombado nessa luta por seus territórios e modos de vida.

Suas lutas continuam sendo apagadas. Ao mesmo tempo, já sofremos os efeitos da crise climática e os povos da floresta, apesar de extremamente importantes para a preservação dos ecossistemas, sofrem profundamente com a crise climática.

Agora, mais do que nunca, precisamos fortalecer as vozes locais, as vidas, as narrativas, a luta coletiva por um território que beneficia não apenas quem está na Amazônia, mas também outras regiões do Brasil e do mundo.

Colocar a Amazônia no centro do debate, mais do que no centro do mundo, é urgente. Precisamos de amazônidas nos diferentes espaços dessa agenda, político, científico e da sociedade civil. Fortalecendo esses atores, teremos soluções locais realmente funcionais.

QUEM PROTEGE A AMAZÔNIA

Chico Mendes



Foto: Acervo Comitê Chico Mendes

Os índios, os seringueiros, os ribeirinhos há mais de 100 anos ocupam a floresta. Nunca a ameaçaram. Quem ameaça a Amazônia são os projetos agropecuários, os grandes madeireiros e as hidrelétricas com suas inundações criminosas.

SENADO FEDERAL
SECRETARIA DE EDITORAÇÃO E PUBLICAÇÕES

Rafael André Vaz Chervenski
DIRETOR

Luiz Carlos da Costa
COORDENADOR-GERAL

Ricardo Abril Marinho
ASSESSOR TÉCNICO

Rodrigo César de Melo Barbosa
GESTOR DE ATENDIMENTO

Tatiana Nassif Derze
COORDENADORA DE PRÉ-IMPRESSÃO

André Said de Lavor
COORDENADOR DE IMPRESSÃO

André Luiz Rodrigues Santana
COORDENADOR DE ACABAMENTO E EXPEDIÇÃO

Aloysio de Britto Vieira
COORDENADOR DE EDIÇÕES TÉCNICAS

Márcio de Holanda Meireles Viana
GESTOR DE PRODUÇÃO

A questão da Amazônia consiste na defesa dos Povos da Floresta. Consideramos a questão da Amazônia um problema sério, que não passa mais, hoje, pelo discurso, e sim pela prática que temos que desenvolver daqui pra frente. A Amazônia está ocupada. Em todos os recantos há indígenas, há gente trabalhando, tirando borracha e, ao mesmo tempo, lutando pela conservação da natureza. Queremos propiciar uma política que garanta o futuro desses trabalhadores [e dessas trabalhadoras], que há séculos vivem na Amazônia e a tornam produtiva ao mesmo tempo. Enquanto existirem índios e seringueiros na selva amazônica, há esperança de salvá-la. Esperamos que as pessoas que lutam em defesa da Amazônia possam realizar um trabalho que, de fato, consiga trazer uma esperança. Acredito que cada um [e cada uma] de nós tem uma missão e um compromisso muito importante em relação à defesa desta região. Essa luta não é só dos trabalhadores [e das trabalhadoras]: ela é de toda a sociedade brasileira.

Chico Mendes

PARCERIA



EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL

As populações tradicionais que hoje marcam, no céu da Amazônia, o arco da Aliança dos Povos da Floresta proclamam sua vontade de permanecer com suas regiões preservadas. Entendem que o desenvolvimento das potencialidades dessas populações e das regiões que habitam se constitui na economia futura de suas comunidades e deve ser assegurado por toda a nação brasileira como parte da sua afirmação e orgulho. Esta Aliança dos Povos da Floresta, reunindo indígenas, seringueiros e ribeirinhos, iniciada aqui nesta região do Acre, estende os braços para acolher todo esforço de proteção e preservação deste imenso, porém frágil sistema de vida que envolve nossas florestas, lagos, rios e mananciais, fonte de nossas riquezas e base de nossas culturas e tradições.

Chico Mendes é, no Brasil, o Patrono Nacional do Meio Ambiente. Portanto, nada mais justo do que destacar, na COP 30, a memória e o legado do maior ambientalista brasileiro de todos os tempos. Esta coletânea, “Chico Mendes na COP 30”, contribui com este objetivo. São livros simples, organizados a partir de depoimentos e textos escritos por companheiros e companheiras de Chico Mendes, ao longo do tempo. Que sua leitura possa envolver corações e mentes com a paz planetária um dia sonhada por Chico Mendes.



9 786556 766737



Encontre este livro gratuitamente em formato digital acessando: livraria.senado.leg.br

SENADO FEDERAL

